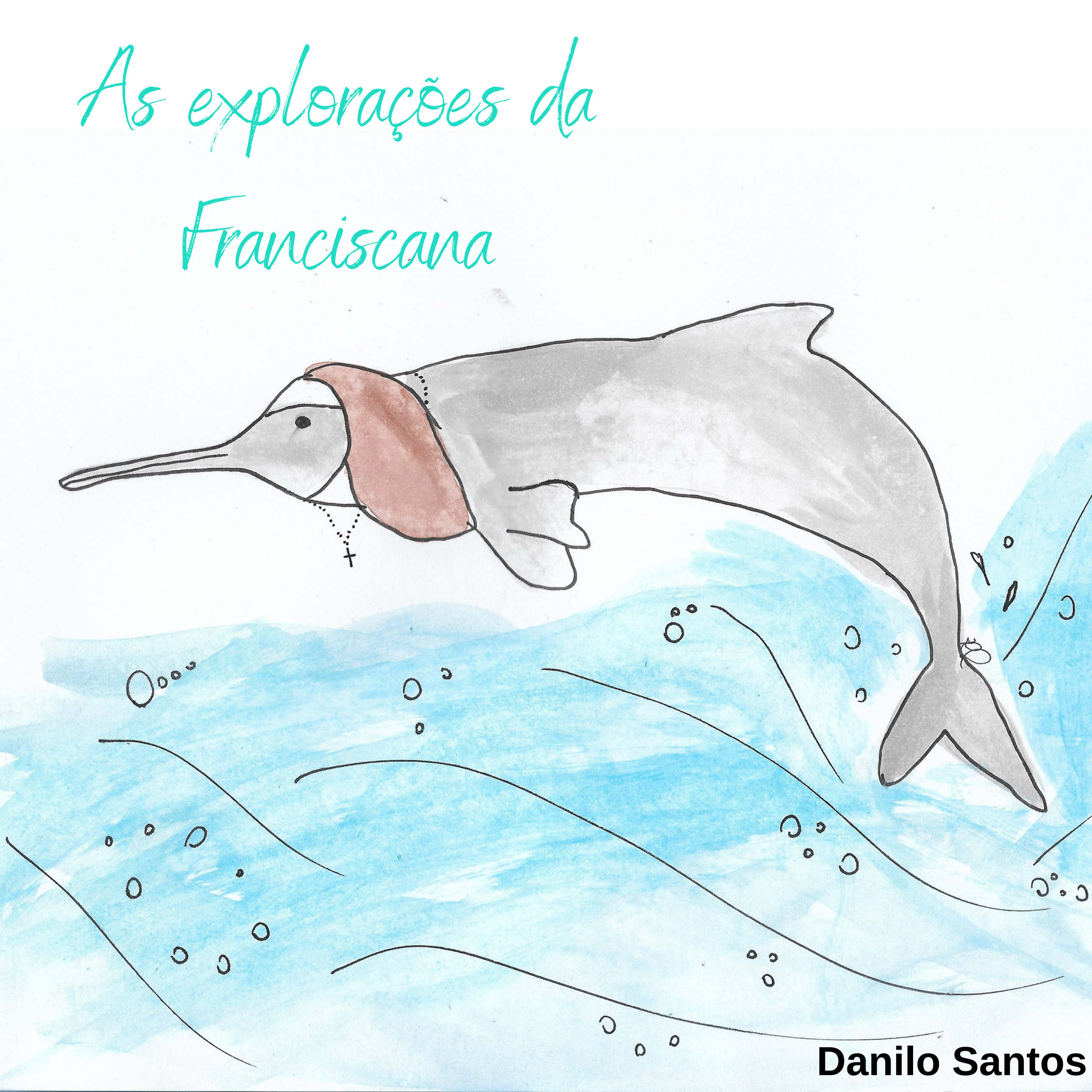
As explorações da Franciscana



Danilo Santos

Danilo Santos
Autor

As Aventuras da Franciscana

Rosângela Celina Cavalcante
Ilustração

Felipe Alves Elias
Marcia Fernandes Lourenço
Marcos César de Oliveira Santos
Maria Clara de Souza
Vitor Gomesde Deus
Revisão

2020

Apresentação

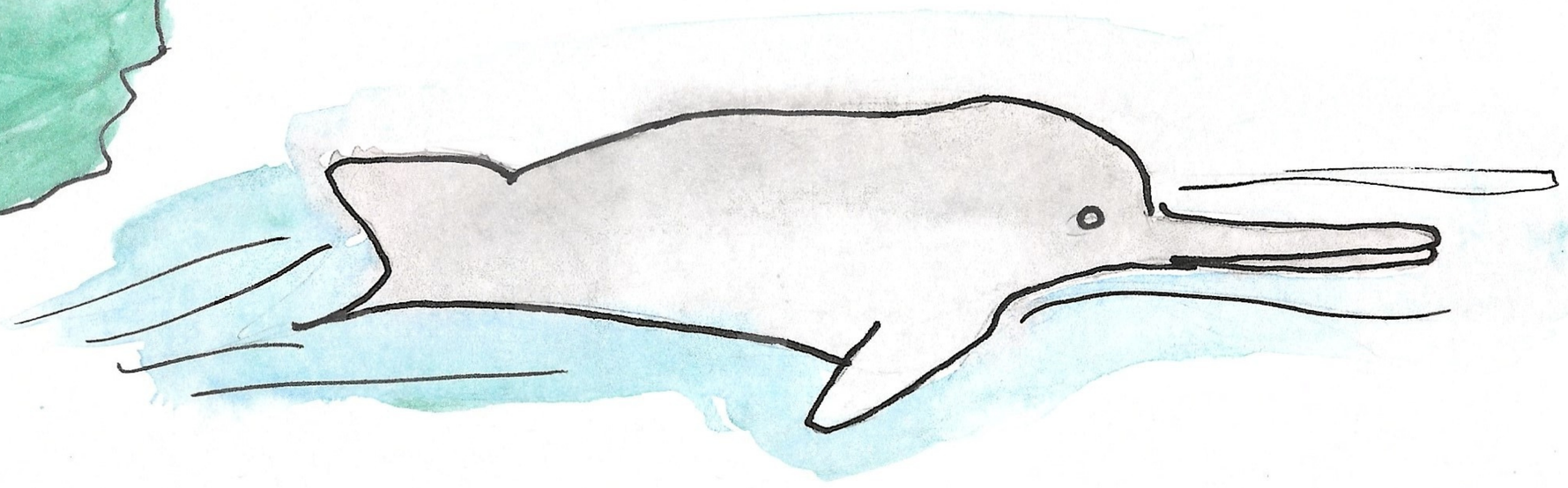
Este livreto educativo busca trazer informações sobre a história natural de alguns mamíferos aquáticos tendo como personagem principal a toninha (ou franciscana), assim como ameaças sofridas por esses animais buscando trazer uma reflexão em torno da conservação e impactos dos seres humanos no meio ambiente e na biodiversidade. Vale ressaltar que trata-se de uma ficção, portanto algumas licenças criativas foram dadas para dar vida à história, entretanto não condizem com a realidade. Como por exemplo: as toninhas não deslocam-se tanto quanto falado na história; em hipótese alguma o boto iria para alto mar e os cachalotes e baleias-azuis não chegam tão próximos da costa. Esperamos que aproveitem este livreto e aprendam com um pouco de diversão!

Azul e brilhante. Assim é a superfície de 71% do nosso planeta, cheio de rios, oceanos e geleiras, que nada mais são do que água doce congelada no meio do mar salgado! Ou pelo menos assim era... foi quando um grupo estranho de animais, que andam sobre duas patas e são pelados, com pelos só na cabeça, chamados humanos, que tudo começou a mudar. Os rios, com o passar dos tempos, ficavam cada vez mais fedidos que chulé e mais escuros que uma orca. Os mares ficaram barulhentos, tremores aconteciam quando coisas estranhas e enormes furavam o fundo do mar atrás de uma água preta. As geleiras derretiam cada vez mais, rachando e soltando pedaços.

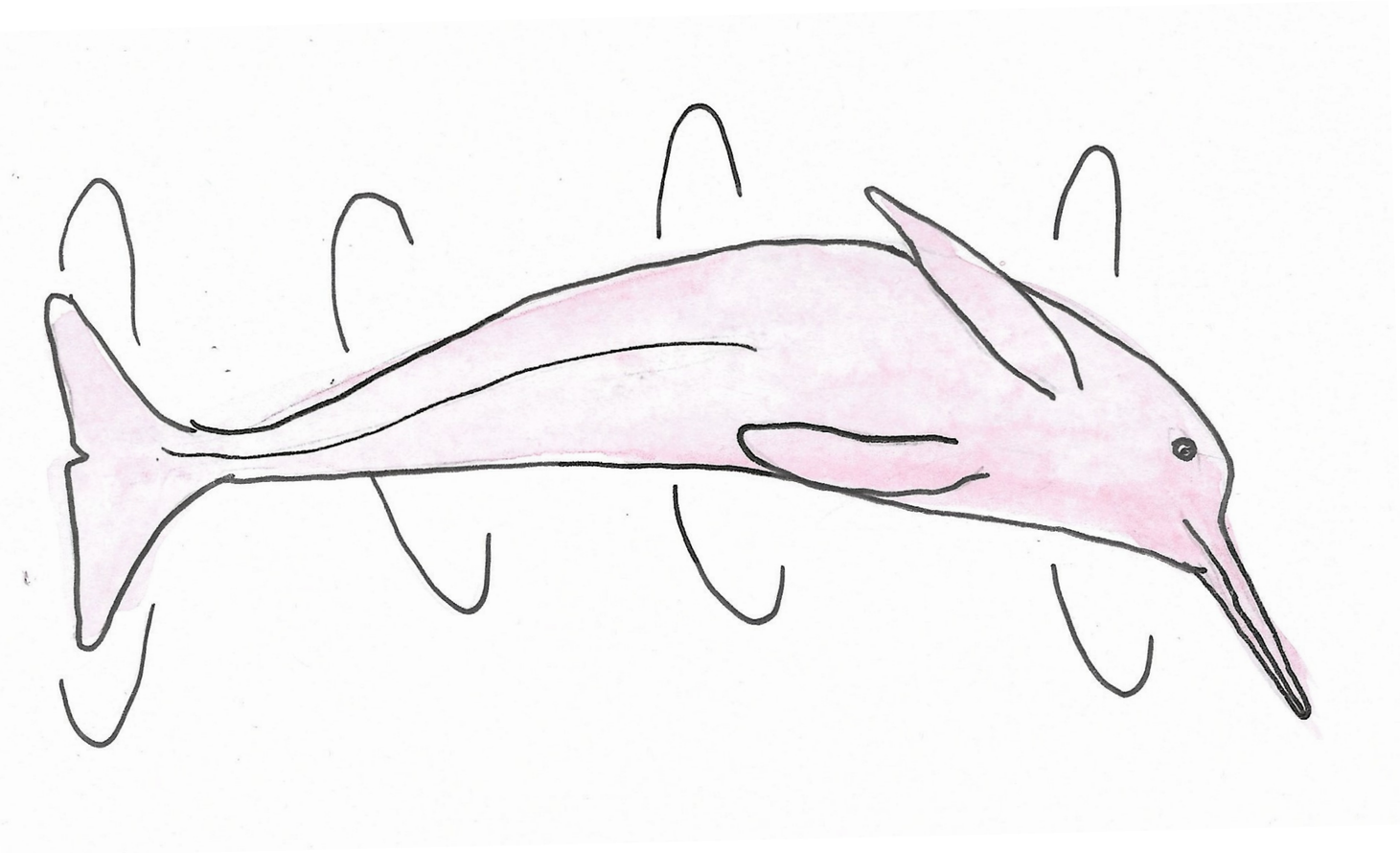
Observando o litoral do Brasil, um dos maiores países do mundo, com lindas praias cheias de animais diferentes e únicos, podemos ver que esses problemas também acontecem por lá. Na região sudeste, uma das cidades litorâneas, conhecida como Santos, foi dominada pelo maior porto da América Latina, cheio de peixes de metal que os humanos chamam de navios. Que baita barulho eles fazem! Sem dizer que, muitas vezes, eles derrubavam um óleo viscoso e grudento, que matavam muitos peixes e deixavam eles com um gosto horrível! Era difícil conseguir alimento.

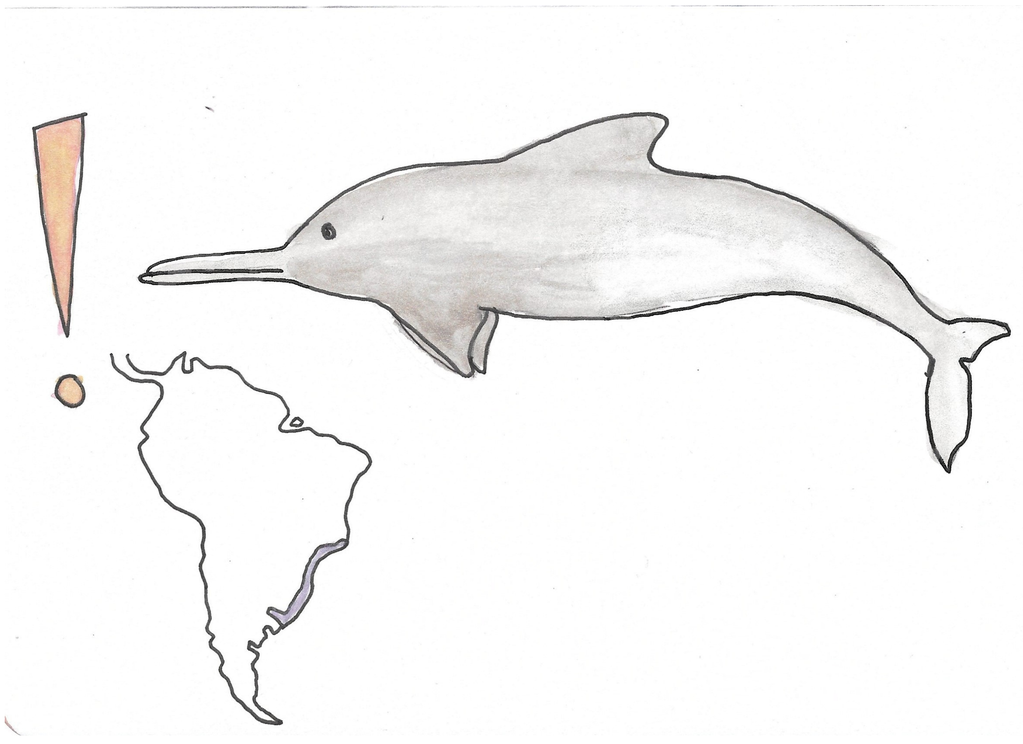
As coisas ficaram ainda mais complicadas em 2015, quando uma corrente de lama invadiu os oceanos, no município de Regência, do Espírito Santo, contaminando diversos animais marinhos. Esse acontecimento horrível e mortal foi conhecido como desastre de Mariana. A vida ficou mais e mais difícil.

Foi assim que eu, um pontinho cinza amarronzado, decidi explorar regiões mais distantes e desconhecidas pela minha família. Nadei por muitas praias até chegar em um lugar incrível chamado arquipélago do Marajó, o maior arquipélago flúvio-marítimo do planeta! Mas... o que isso significa? Significa que é uma região com milhares ilhas espalhadas por águas em que os rios encontram o mar, em regiões chamadas estuários.



-Ei, quem é você? Nunca te vi por aqui. –Levei um susto, do meu lado tinha um boto com quase o dobro do meu tamanho! E o mais incrível de tudo, ele era cor-de-rosa! Sua testa era grande, parecendo uma bolota e nas suas costas tinha uma nadadeira comprida e baixa em altura, com formato triangular que fazia com que ele parecesse corcunda, seus olhos eram pequeninos e ele tinha um sorriso brincalhão. Será que ele me acha louca por falar sozinha?

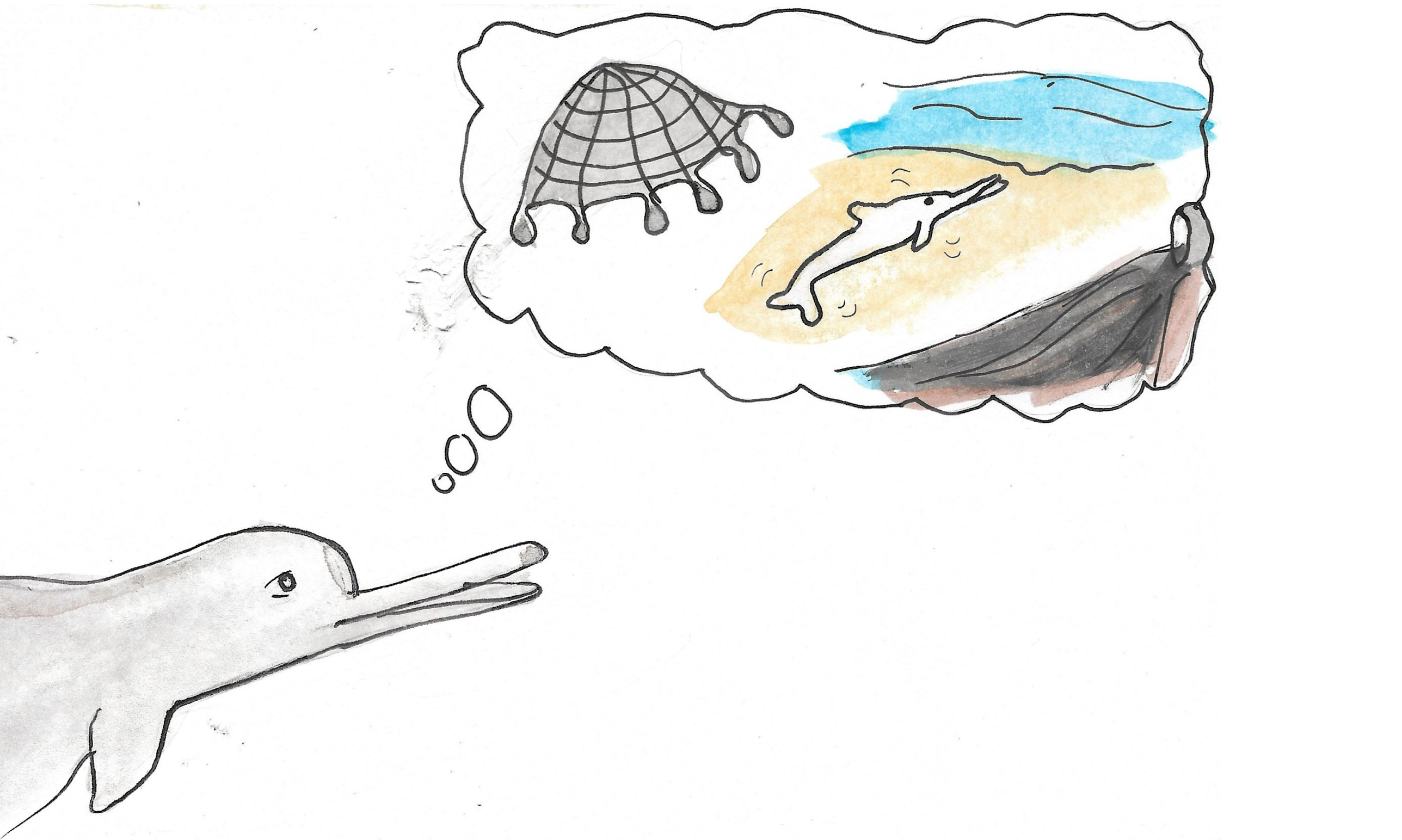




-Ahn, eu... sou a Francisca, uma toninha. -Disse gaguejando.

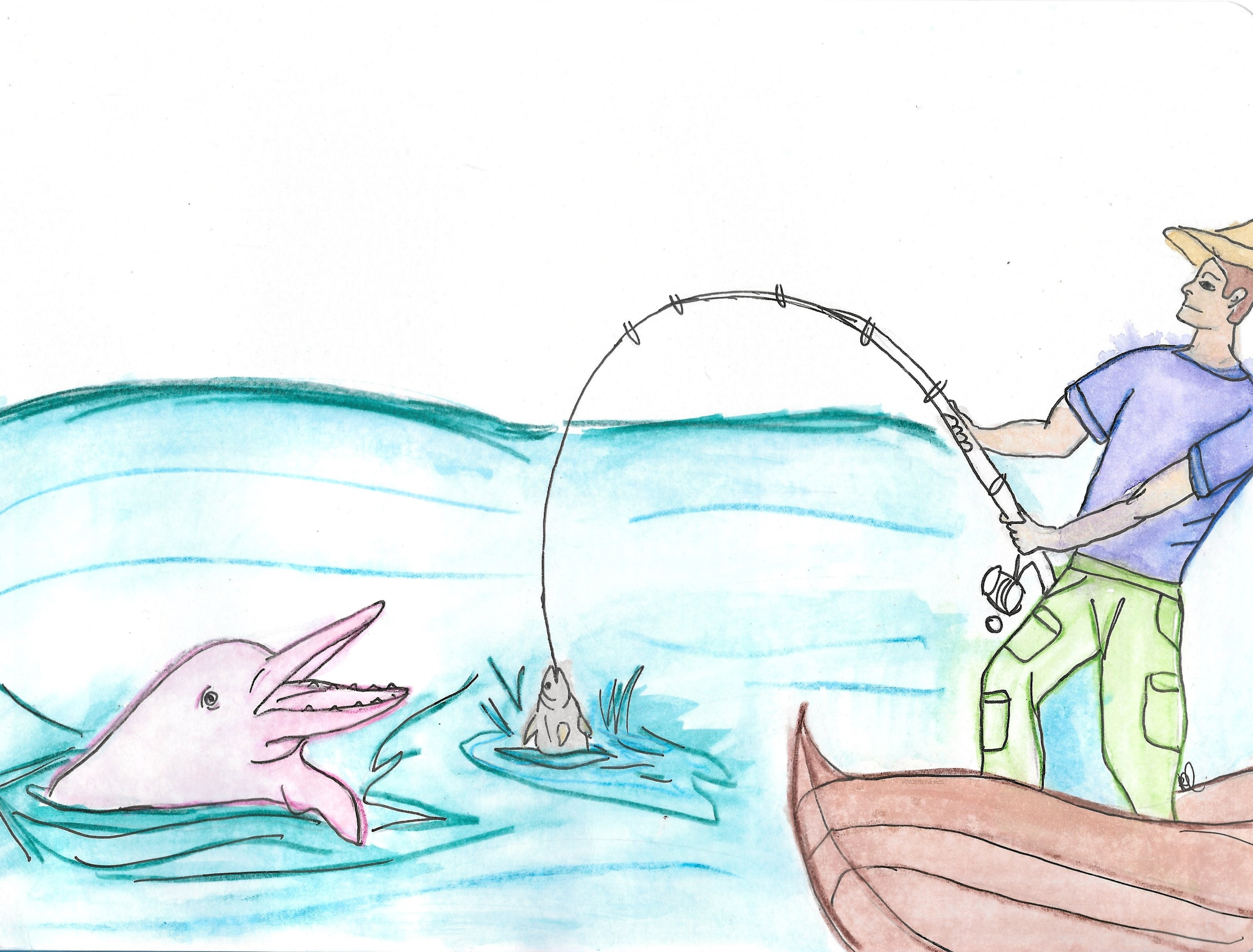
-Toninha? Minha filha, você está perdida? – O golfinho rodopiou na água confuso. -Achei que vocês só podiam ser encontradas da Argentina até o Espírito Santo. Aqui é o fim do Rio Amazonas, estamos no Pará! E aquela ilha ali é a Mibaraió, o anteparo do mar, como chamavam os Tupis.

-Não estou perdida! -Respondi orgulhosa, mesmo não tendo ideia de para onde estava indo. -Eu sou uma exploradora e estou buscando por novos locais para ficar. Meu antigo lar... Bem, as coisas ficaram complicadas. Meu antigo grupo foi extinto, a maioria das minhas irmãs ficou presa em redes de pesca, não conseguiram subir para a superfície para respirar! Outros acabaram encalhando, ficaram presos na terra, porque ficaram muito confusos com barulhos estranhos que os humanos provocam. O restante sofreu com poluição dos mares... -Respondi triste, todos aqueles acontecimentos foram horríveis! Toninhas normalmente são solitárias, mas, também podem formar pequenos grupos. E eu perdi o meu. -Mas e você, quem é?

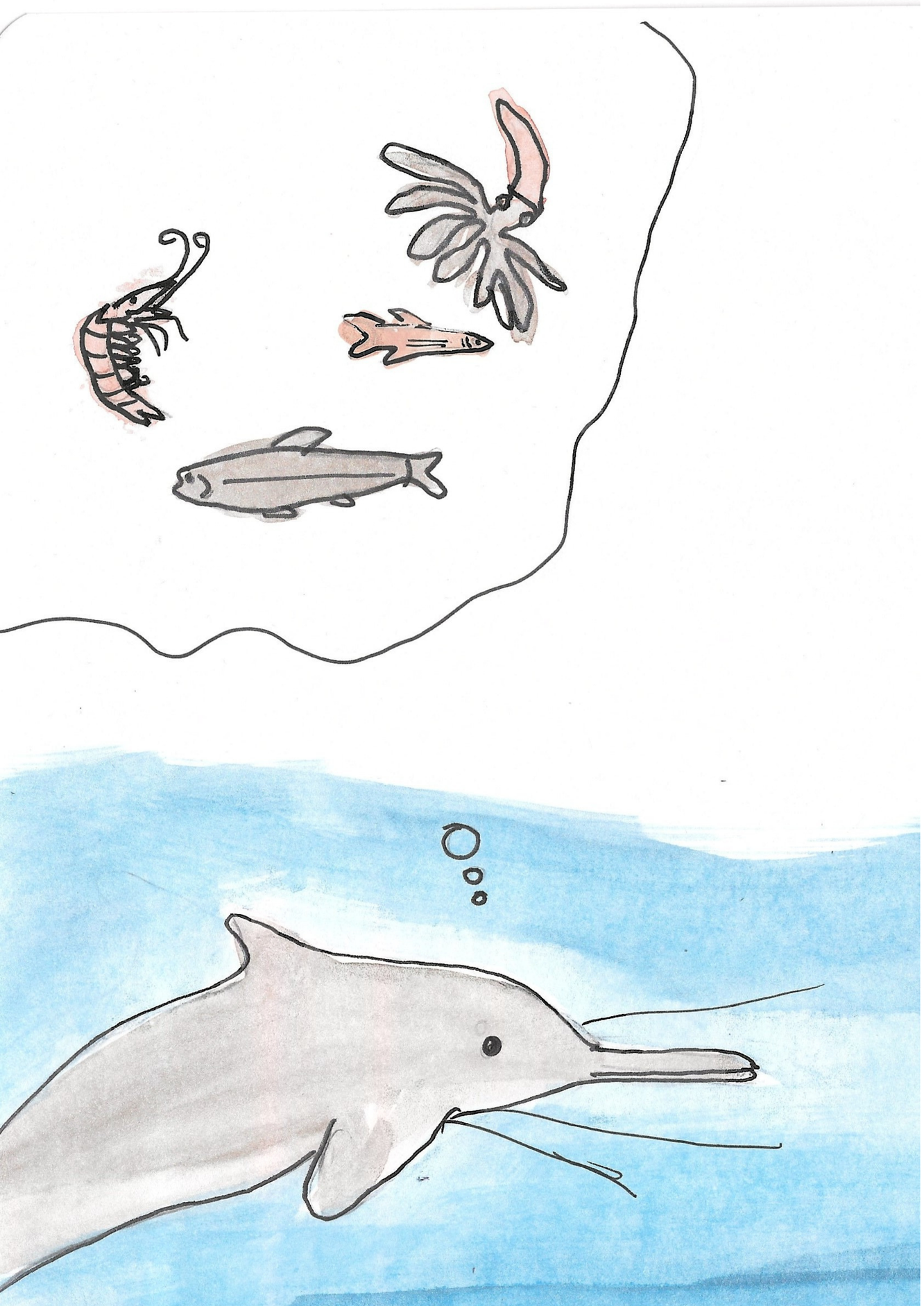


-Ah, humanos! – O boto resmungou. – Meu avô me contou uma vez que, antigamente, os humanos eram legais com a gente, éramos vistos como os protetores dos pescadores e até tinham lendas sobre nós. Hoje em dia não sabem nem as diferenças do nosso grupo para o dos peixes! De qualquer modo, sou Jacimara, nome indígena que significa homem da lua, exatamente pelos mitos antigos, sou um boto-cor-de-rosa. Antes nos dávamos muito bem com os indígenas e até mesmo com as populações ribeirinhas... agora com a exploração da pesca temos que competir com as redes para conseguir alimento. E quando pegamos peixes das redes, tem humanos que até nos matam e depois nos usam como iscas!

-Que horror! -Fiquei surpresa em como os humanos poderiam ser maus. Acreditei que todas as coisas que aconteceram com meu grupo foram acidentes, mas será que eles poderiam estar acabando com a gente de propósito? Talvez por perceber meu espanto, Jacimara chegou perto de mim e me deu uma mordiscadinha na nadadeira. -Ei!. -Reclamei.



-Ah, vamos esquecer um pouco essas coisas tristes. Estou curioso com você, você é uma filhote? É tão pequenininha. E essas nadadeiras da frente, parecem trapézios, tão largas e diferentes. E seu rosto! Como é comprido e fino, mas tão cheio de dentinhos!



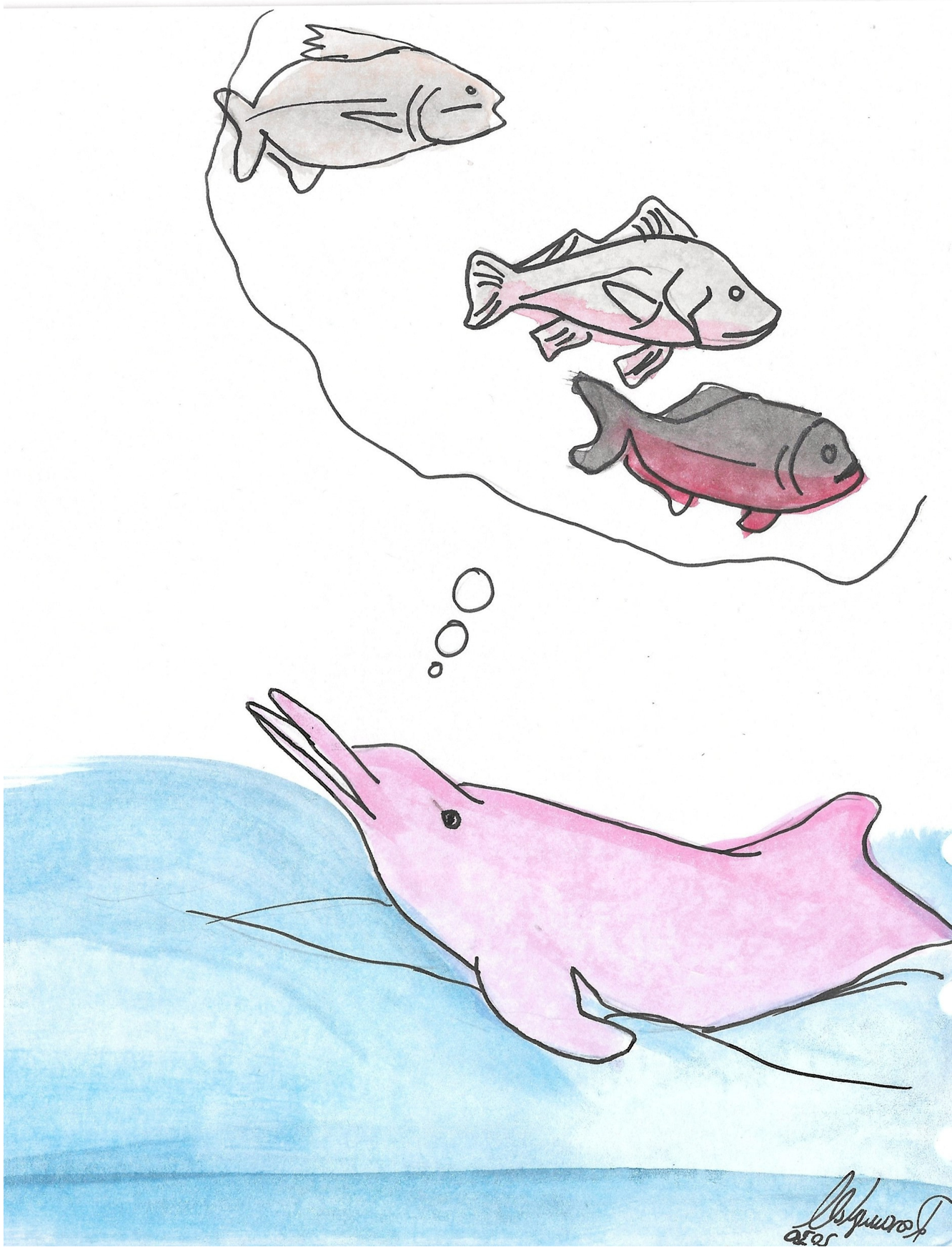
-Eu não sou filhote, você que é grandalhão! Já sou adulta. Tenho 12 anos. E minha nadadeira sempre foi assim, meu rosto é comprido e fino para pegar os pequenos peixes e camarões deliciosos que adoro comer, meus 250 pares de dentinhos não deixam escapar nada! -Eu poderia ser pequena, mas realmente me orgulhava da minha habilidade.

-Só 12 anos? -Retrucou o boto com um tom risonho. -Eu tenho 25, você é muito bebê! Mas 250 pares de dentes! -Disse surpreso- Eu tenho só 25! Será que estou banguelo?

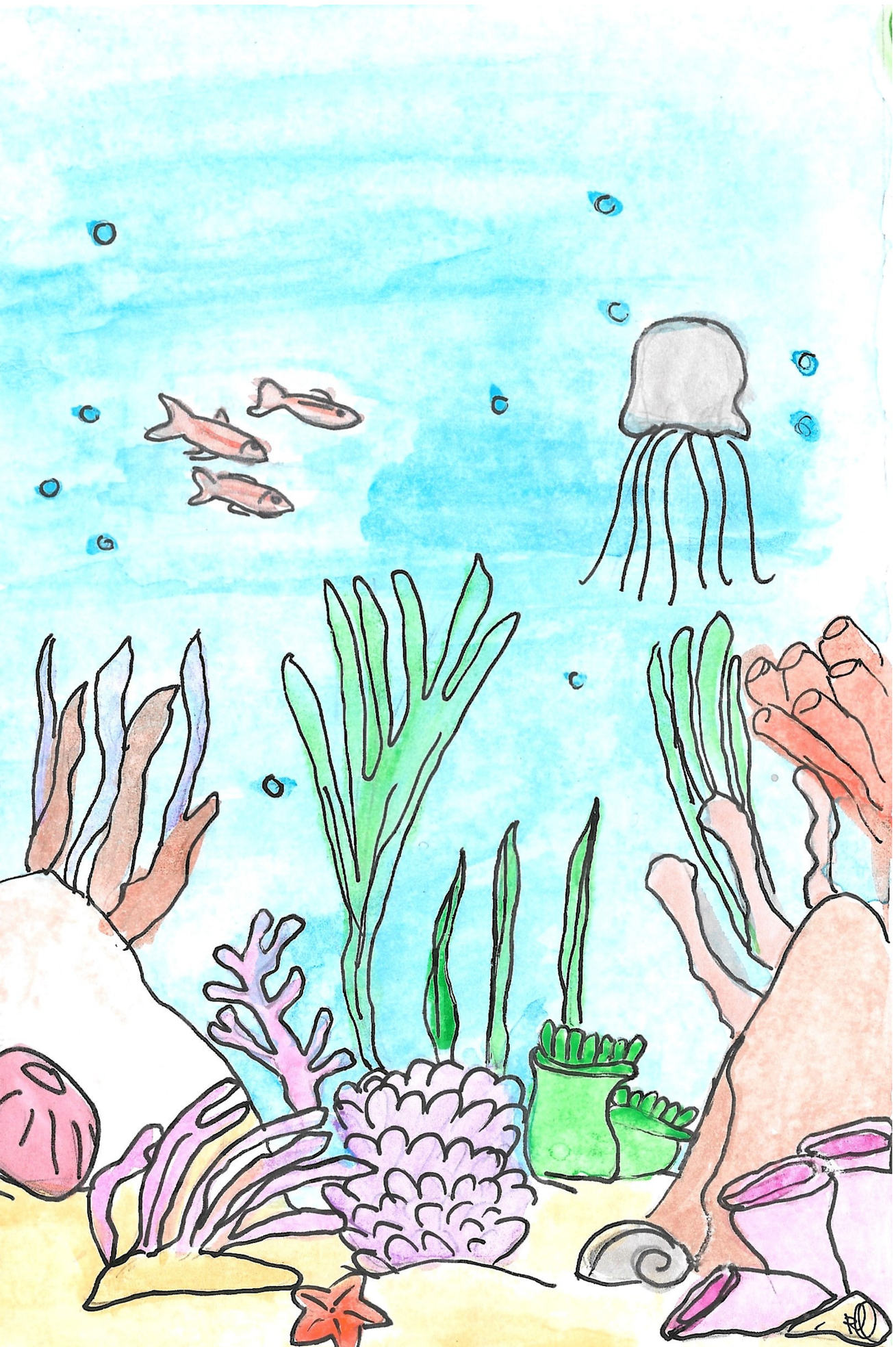
Dei risada do boto, no fim ele era muito engraçado.

-Claro que não, seu bobinho, acontece que o número de dentes varia de espécie para espécie, sabia? Essa é uma das coisas que fazem você ser um boto-cor-de-rosa e eu, uma toninha. Além disso tem nossas diferenças de nadadeiras, coloração e formato do rosto. -Expliquei e voltei a ficar emburradinha. -E é “só” 12 anos para você! As toninhas já são adultas com 5 anos e nós, fêmeas vivemos até 21. Já ouvi dizer que um dos seus parentes chegou até 40 anos, ou seja, somos quase que adultos iguais.

-Ufa, já estava preocupado... meus dentes são maiores e mais grossos que os seus, eles são úteis para pegar os peixes que eu gosto, que são maiores como a corvina, a pirapitinga e até mesmo algumas piranhas chatas que se acham predadoras de topo. Mas essas presas são difíceis... as vezes preciso de ajuda de alguns amigos como o Tucuxi um golfinho que mora por aqui e das ariranhas... mas elas são meio nervosas.



Fiquei impressionada! Realmente as presas do boto eram enormes, pelo menos para mim, e acabei me surpreendendo com a sociabilidade dele com outras espécies. Nós, toninhas, costumamos ser mais tímidas, aliás, essa era a primeira vez que eu falava com alguém de outra espécie. Jacimara parecia incrível, queria impressioná-lo também, até que tive uma idéia.



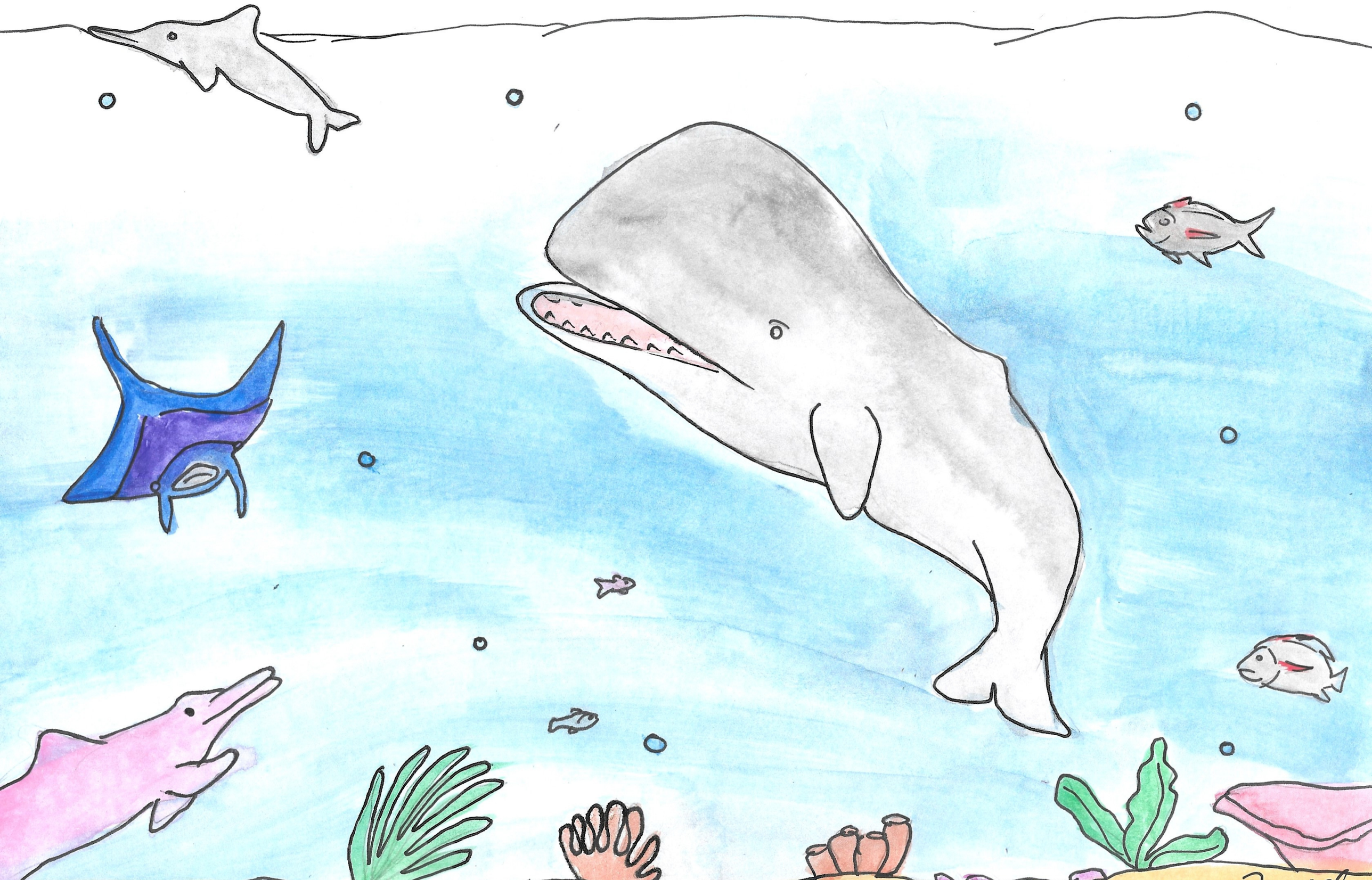
-Jacimara, já sei! Já que estou aqui visitando sua casa, que tal você visitar a minha? Vamos dar uma volta no mar azul! Tem várias coisas novas para mostrar. -Disse animada.

-Hum... não sei não heim, Francisca. Apesar de sermos parecidos eu sou de água doce, você de água salgada... seu corpo tem adaptações para esse ambiente, como seus rins, que ajudam a eliminar a grande quantidade de sais do que o mar tem. -Respondeu meio preocupado.

-Ora, vamos, por favorzinho é só um pouquinho! E aliás, tudo pode acontecer nas histórias!

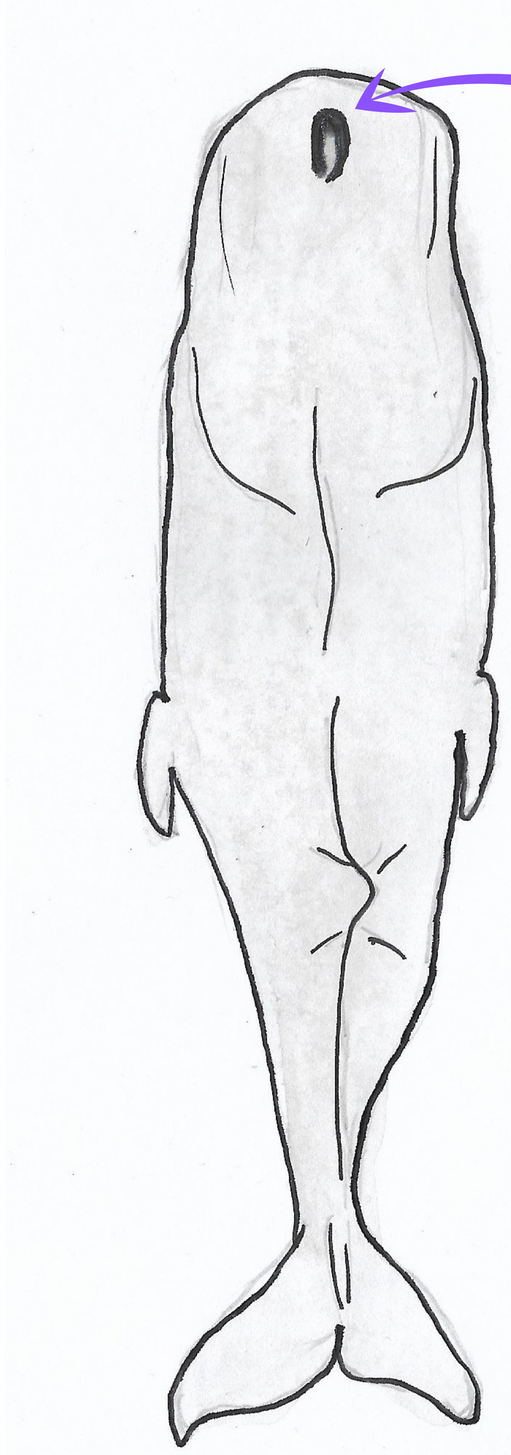
-Bem, já que temos essa licença poética... tudo bem! Mas na natureza isso não aconteceria. -Jacimara respondeu mas me seguiu, fomos cada vez mais fundo no oceano, brincando e rindo enquanto passávamos por corais coloridos e cardumes de peixes, às vezes o Boto pegava peixes maiores e eu alguns peixinhos pequenos. Quando percebi que Jacimara ficou quieto virei para ele, que parecia assustado e apontou para trás de mim.

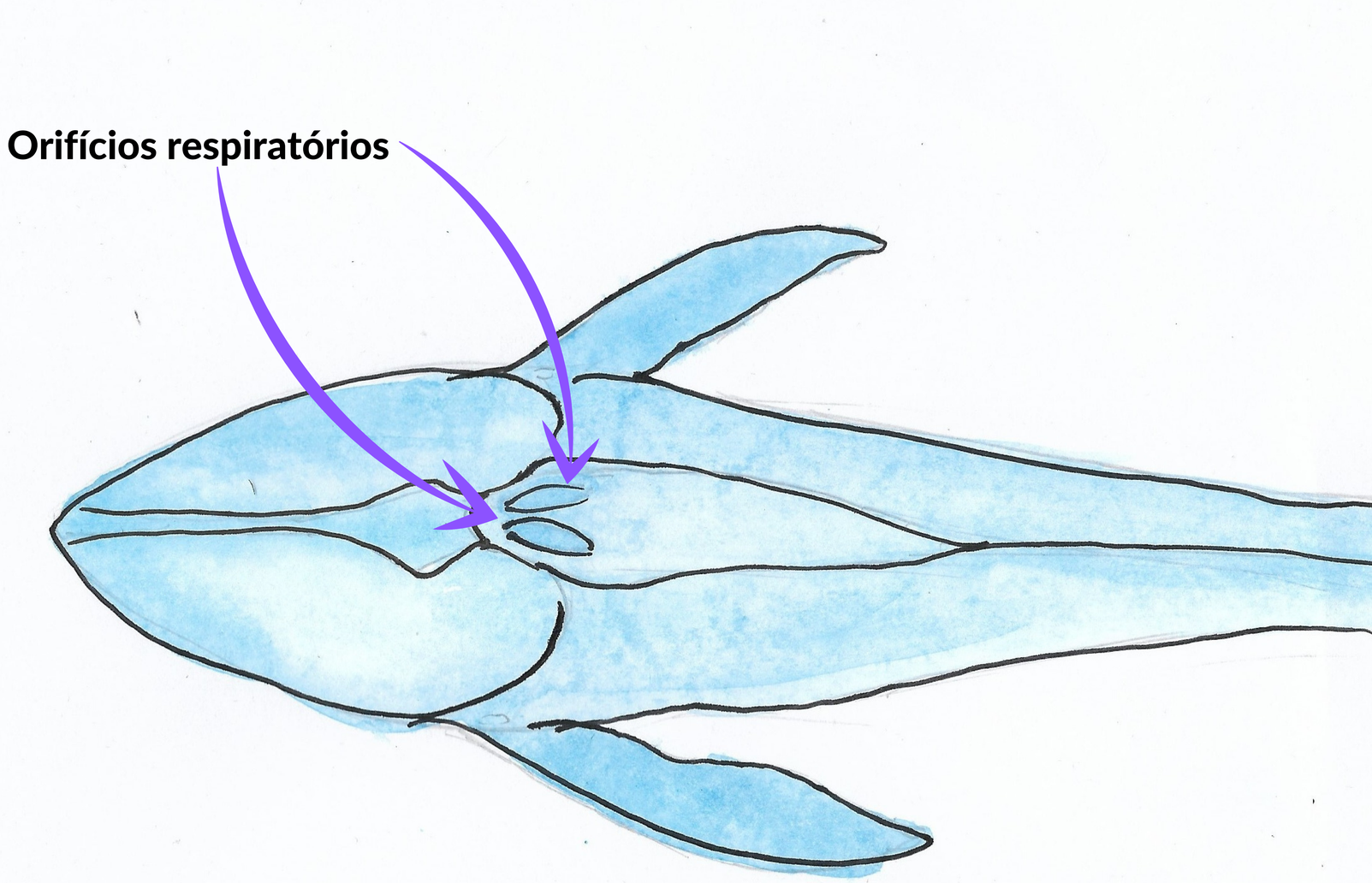
-Francisca! Uma baleia enorme!



-Baleia!? Socorro! É uma orca? Não quero ser comida hoje! Já tive que fugir de uns tubarões chatos tipo tintureira, cação-bruxa e até mesmo um tubarão martelo. -Comecei a nadar desesperada, só faltava ser uma orca maligna. Mas quando virei vi um grande retângulo cinza com olhinhos. -Mas que cabeção!

-Ora! Mais respeito, não tenho cabeção coisa nenhuma! -Reclamou a baleia soltando estalos muito altos e indignados que pareciam uma porta rangendo. -E além do mais eu não sou uma baleia, nem mesmo as orcas são! Eu sou Mocka, um cachalote. Assim como vocês, também sou um mamífero odontoceto.



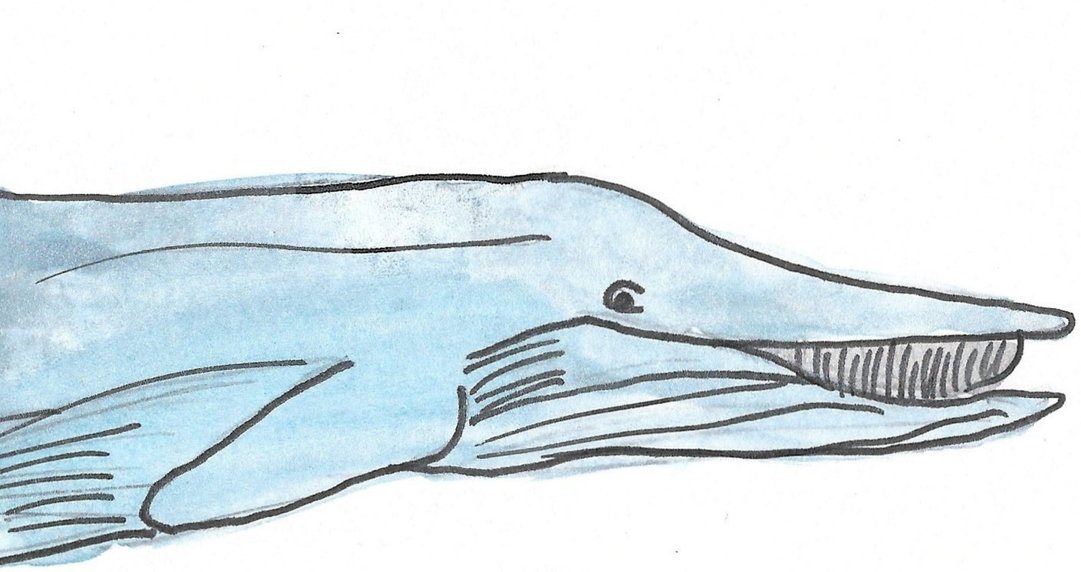


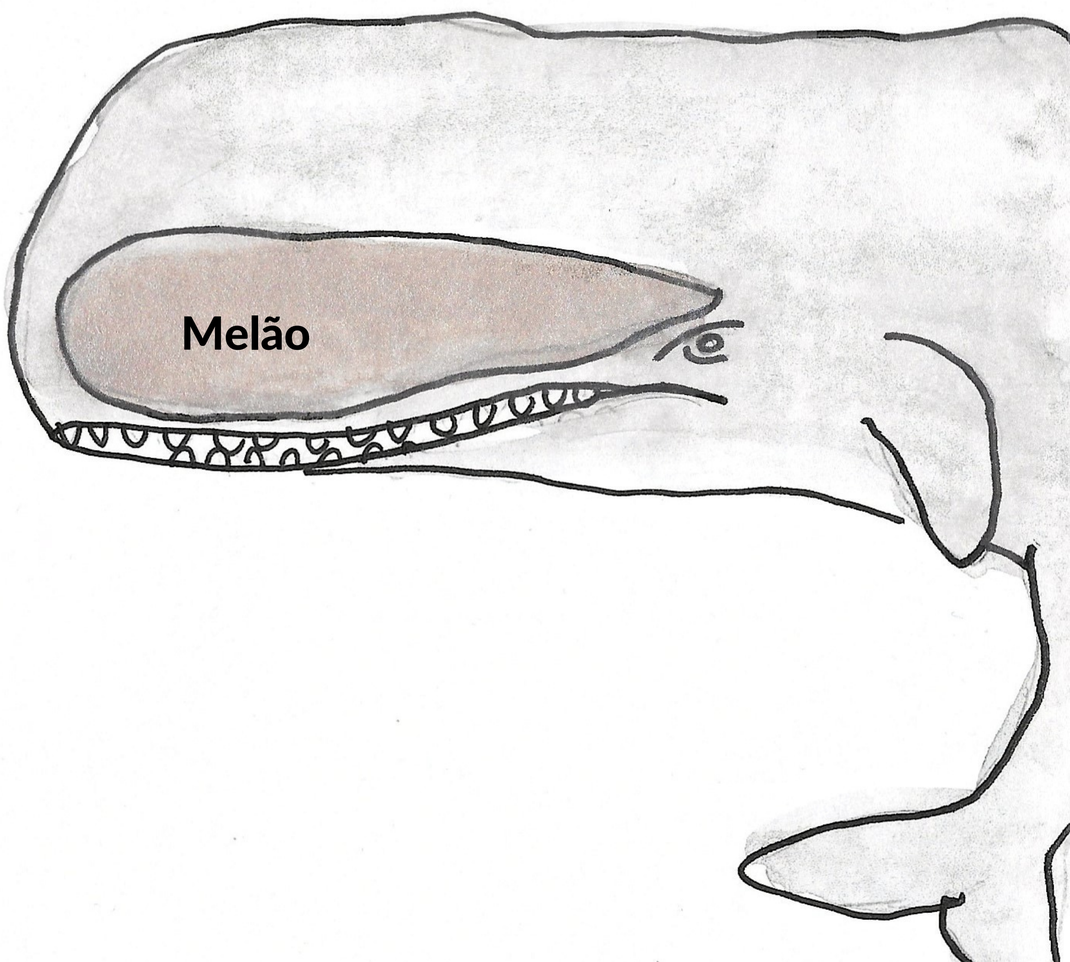
-Odonto quem? -Perguntei confusa.

-Ele disse odontologista, ele cuida de dentes! Só espero que não cuidem dos próprios dentes pra comer a gente... -Respondeu Jacimara, sempre com piadinhas, mesmo tremendo de medo.

Novamente Mocka soltou estalos bem altos, eu ia ficar maluca de medo!

-Odontoceto, crianças tolinhas. Não é porque eu e as orcas somos grandes que somos baleias bobonas. Todos nós, orcas, golfinhos, cachalotes e até mesmo você, pequenina, somos odontocetos. Somos um grupo de mamíferos aquáticos parentes das baleias, mas temos dentes, um orifício respiratório e um órgão para eco localização chamado melão. As baleias são misticetos e têm barbatanas, uma estrutura que parece uma escova no lugar de dentes, duas aberturas respiratórias e não tem melão. Elas são mais filtradoras bobas, não são grandes predadoras como nós!





-Melão? Eu prefiro peixe, mas se tiver melão eu como também! -Disse o boto.

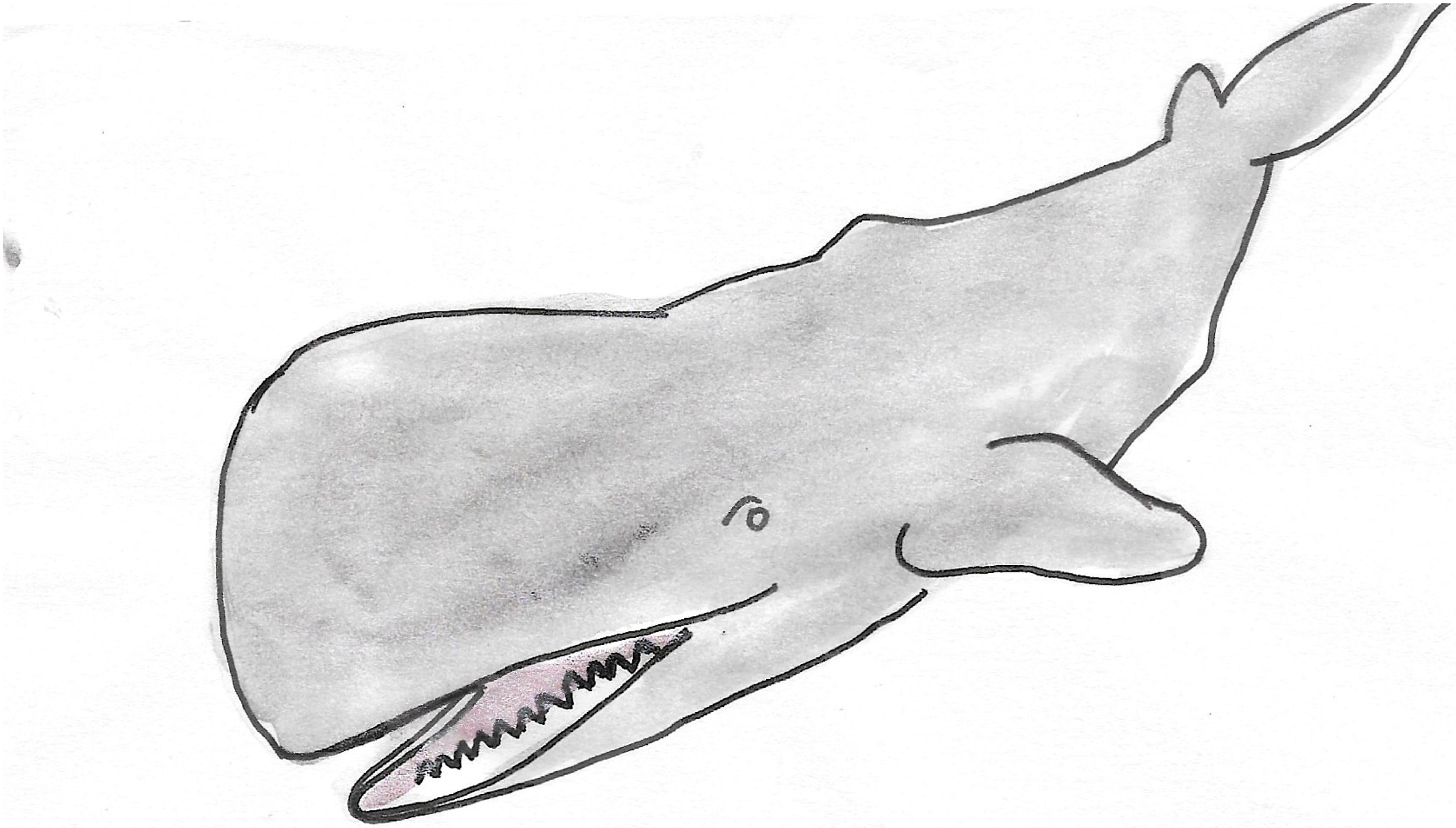
-Deixe de ser assim Jacimira! Essa até eu sei. -Respondi feliz por mostrar meus conhecimentos e reparar o último erro. -Melão é um órgão que temos dentro da cabeça, não a fruta. Por isso você tem essa testona. -Cutuquei ele com minha nadadeira da frente.

-Ei! -Reclamou ele.

-Só estou dando o troco. Mas então, esse órgão ajuda a gente a produzir sons para localizar a buscar nossas presas, além de comunicar entre outros da espécie. Essa é a eco localização. Mas o que você está fazendo por aqui senhor Cachalote? Fico feliz que não seja para nos comer.

-Isso mesmo, pequenina, pelo menos algum conhecimento você possui. -Respondeu mal humorado, mas um pouco mais amigável. -Vocês são muito pequenos, nem valeria a pena tentar comer vocês. Minha comida favorita são lulas gigantes do fundo do oceano. Passei quase 2 horas a mais 3 mil metros de profundida procurando algo... mas só achei muitos plásticos jogados no mar pelos malditos humanos. Ano passado, eu e um grupo de amigos viemos para o Brasil, lá em São Paulo, tentando achar algo. Todos desistiram, eu decidi tentar procurar mais. Infelizmente, sem sucesso. Subi apenas para respirar. Agora, se me dão licença, vou voltar a procurar.

Dito isso Mocka subiu até a superfície e com um barulhão como se estivesse estourando uma bomba de ar, ele abriu seu orifício respiratório, ficou respirando rápido por um tempo e voltou a mergulhar lá para o fundo, até sumir de vista.

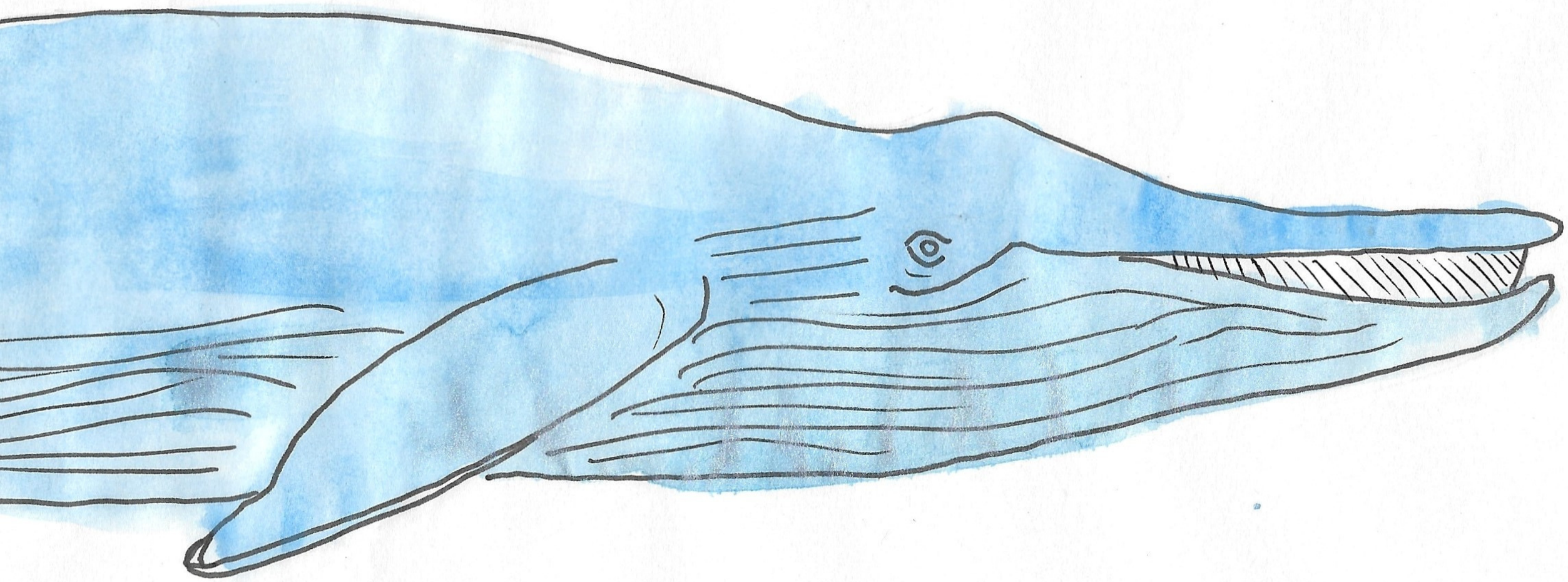


-Ah, esses humanos! Eles não percebem que a água é vida? Eles acabam com os rios e oceanos, poluindo tudo! E ainda por cima, prejudicam a gente...não percebem que somos importantes para o equilíbrio da natureza? Sem a gente eles vão ser prejudicados também! Agora quando eu ver um barco vou derrubar eles nas águas que eles deixaram fedidas de propósito!

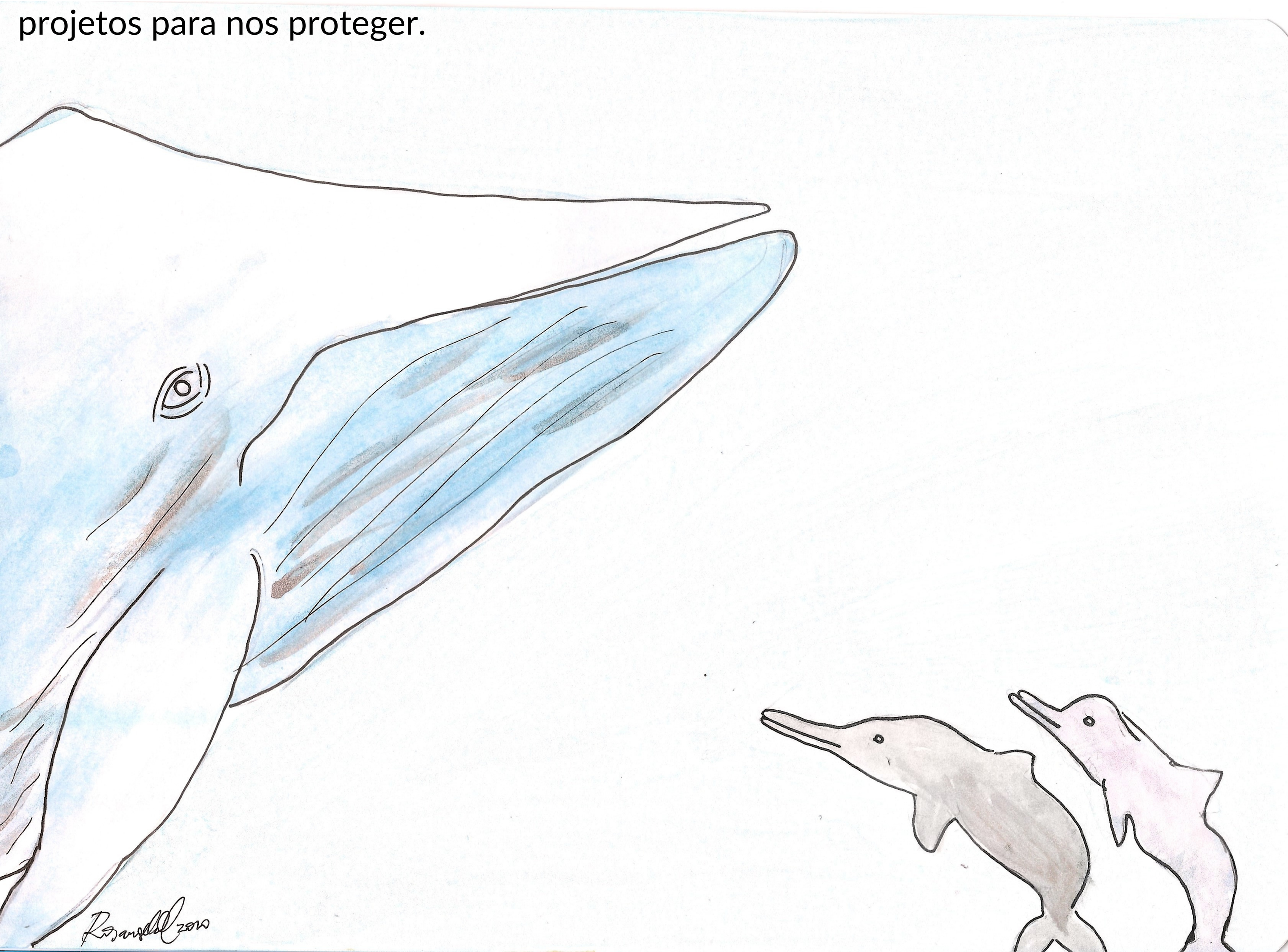
Boto voltou a ficar nervoso e nadar girar na água, e o pior é que eu não conseguia acalmá-lo, também estava muito brava, até que uma voz surgiu do nada.

-Calma, calma, minhas crianças. Nem todos os humanos são ruins afinal.

Do nada uma grande criatura apareceu perto da gente, ela era bem maior até mesmo que o Mocka! Sua coloração era azulada e brilhante. Naquele momento sabia que eu estava do lado do maior animal que já existiu no mundo, uma baleia-azul! Jacimara, impressionado, ficou com a boca aberta, se fosse possível ele até babaria.



-Ouvi falando sobre baleias e acabei vindo de curiosa e escutei a conversa. Vocês ainda são muito jovens e vivemos em tempos difíceis, é normal ficarem revoltados. Mas quando eu era mais jovem, uns 60 anos atrás, minha avó me contava histórias de que a maior parte da nossa família foi caçada pelos humanos, algumas populações foram extintas, deixaram de existir. Mas biólogos, veterinários, oceanógrafos e outros especialistas humanos passaram a nos estudar e criar projetos para nos proteger.



-Mas senhora Baleia-azul, porque então esses biólogos, veterinários e oceanógrafos não salvam a gente de vez? Por que todos os humanos não se tornam iguais a eles e protegem a vida? Ainda tem muitos pescadores chatos que acabam com a gente com aquelas redes horríveis! -Perguntei pensando na minha antiga família.

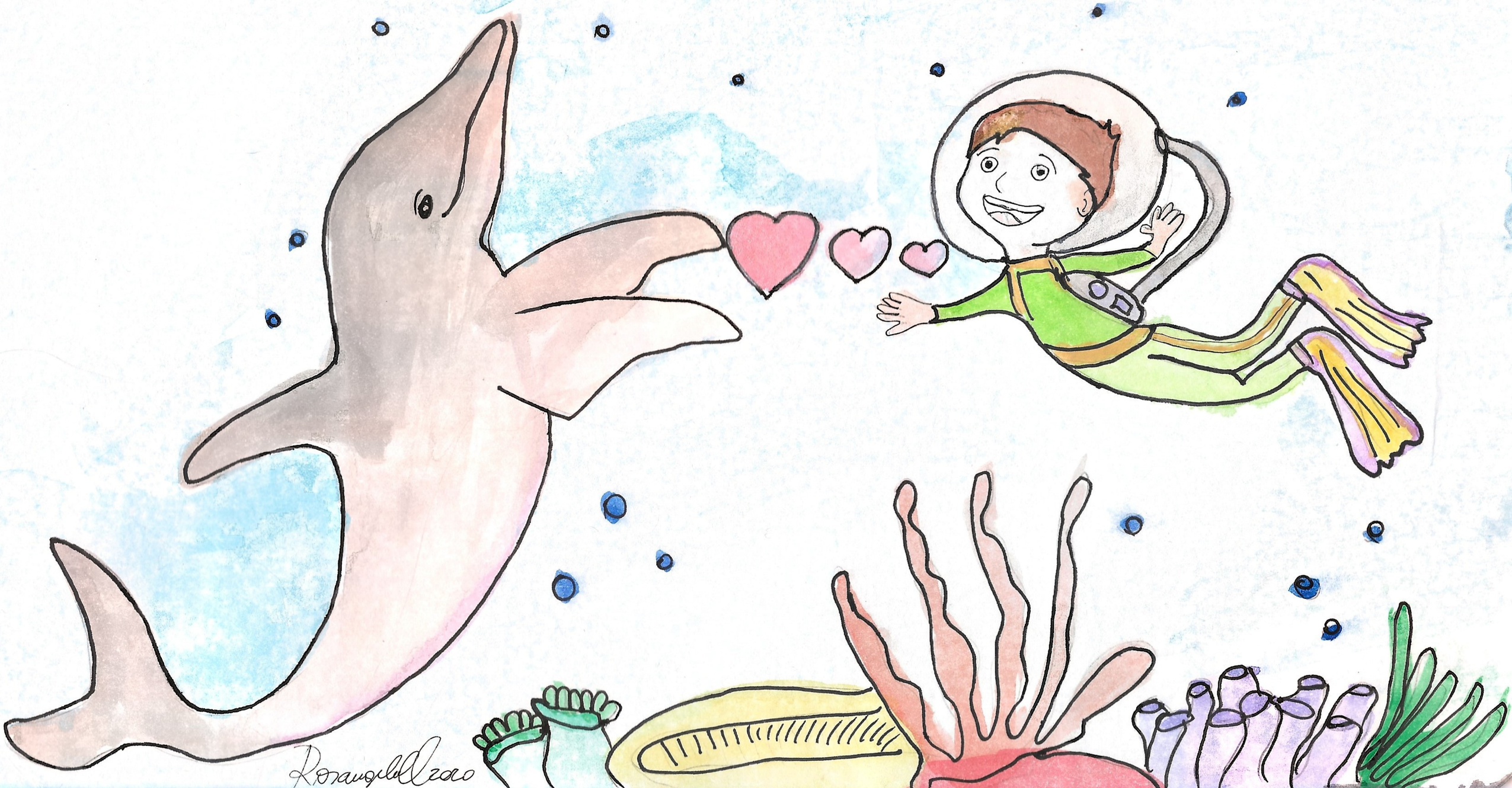
-É! E ficam jogando sujeira por aí, fazendo barulhos horríveis que parecem que vão explodir minha cabeça! Além de pegarem minha comida e ainda lutarem contra nós. -Boto perguntou bravo.

A baleia-azul fez um som alto mas tranquilo, como um suspirar de mãe que quer acalmar.

-Podem me chamar de Ao, quer dizer azul em japonês, ironicamente é o povo que mais caçou minha espécie. Mas isso são águas passadas... Bem, minhas crianças, o grande problema é que esses profissionais se esforçam muito, mas são muito desvalorizados, principalmente aqui no Brasil. Mas, aos poucos, eles juntam forças e conseguem criar leis de proteção, tanto para nós, animais, quanto para plantas e todos os seres vivos. Uma notícia boa, por exemplo, minha família está voltando a crescer! A natação é longa, mas uma hora voltaremos a nos estabelecer. Quanto aos pescadores, eles também precisam comer, como nós... e muitas vezes eles usam redes por serem mais baratas e a população ribeirinha é pobre, não tem ajuda do governo. Mas, novamente, os especialistas buscam conversar com essas pessoas e pensar em outras formas de pesca, que não nos prejudique. É tudo uma questão de diálogo, ajudar uns aos outros e valorizar aqueles que nos querem bem.

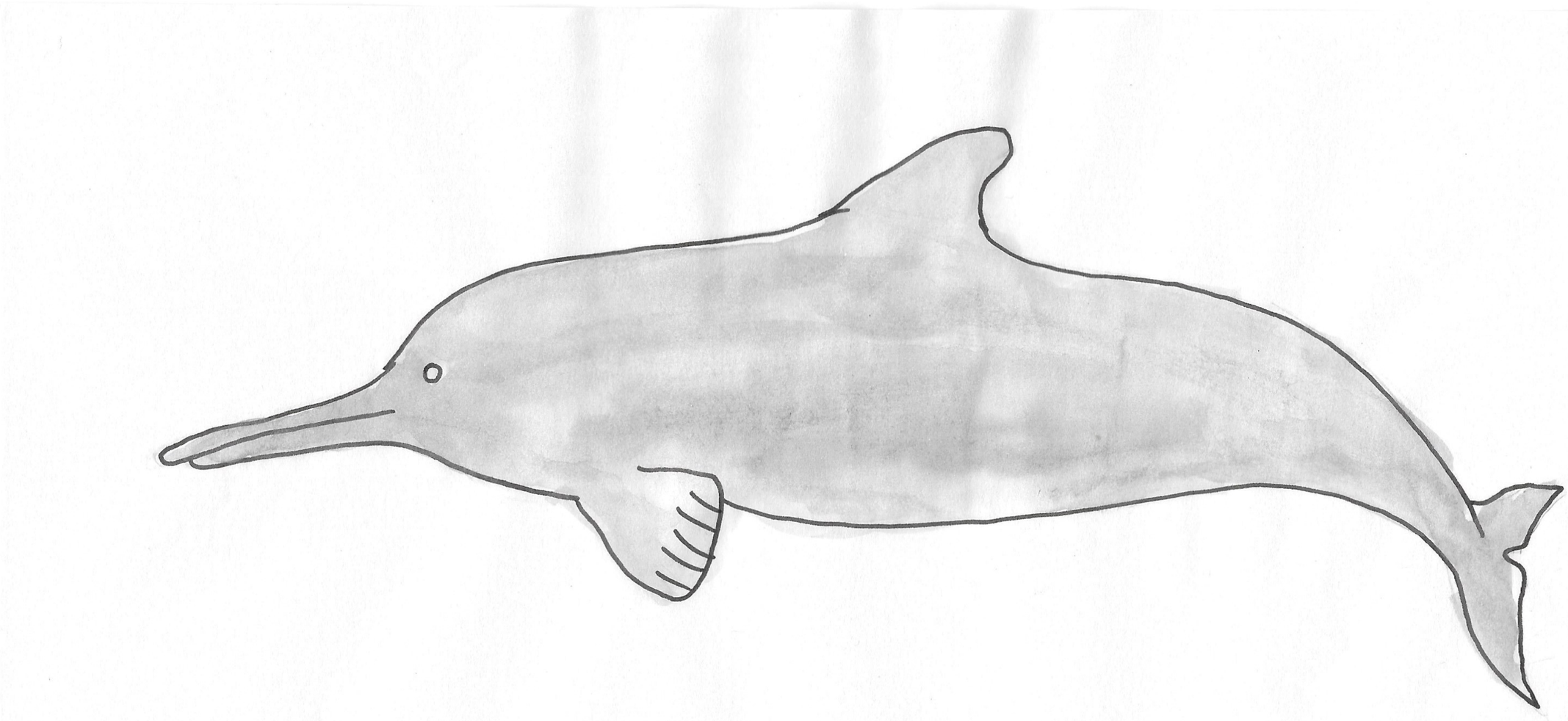
Com o coração com um pouco mais de esperança escutei Ao, tentando entender também o lado dos humanos. Eu e Jacimara agradecemos pela conversa e voltamos, cada um para sua casa. Aquele dia foi muito especial para mim, aprendi muito! Agora espero que as pessoas consigam pensar mais nos problemas de suas ações e valorizem mais aqueles que querem ajudar o mundo, para que, no futuro, todos nós possamos viver juntos grandes aventuras!

Fim



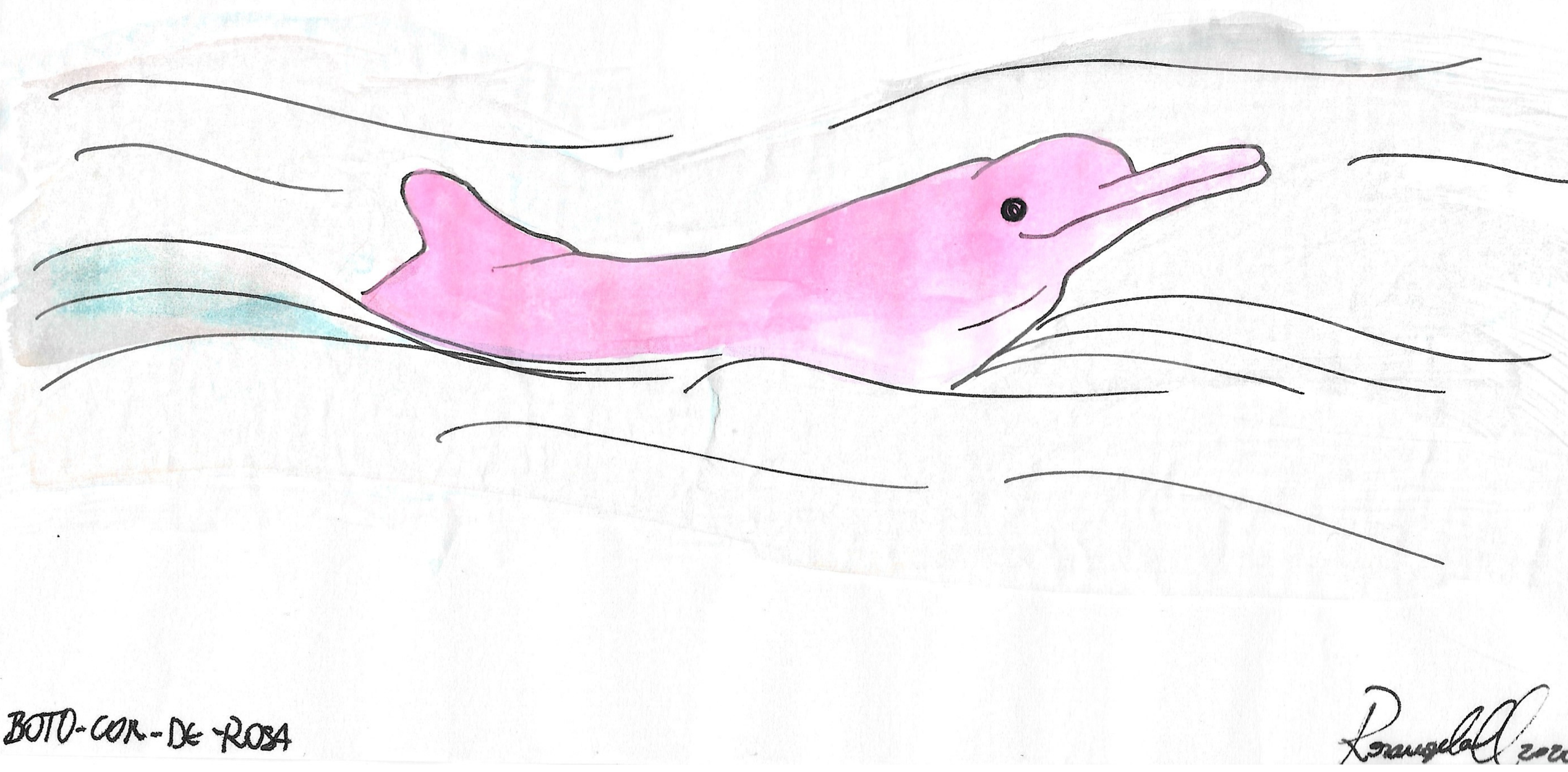
Conhecendo mais nossos amiguinhos e outros mampiferos aquáticos

A **toninha**, ou franciscana possui como nome ciêntifico *Pontoporia blainvillei*. Tendo em vista que é uma espécie muito ameaçada de extinção deve-se pensar em sugestões para diminuição do impacto das pescarias sobre a Toninha, como por exemplo o uso de tecnologias pesqueiras não-predatórias para a espécie, desenvolvimento de outras atividades geradoras de renda como o eco-turismo e o desenvolvimento de programas de educação ambiental junto às comunidades pesqueiras, visando ao maior entendimento e participação dessas comunidades na conservação da espécie.

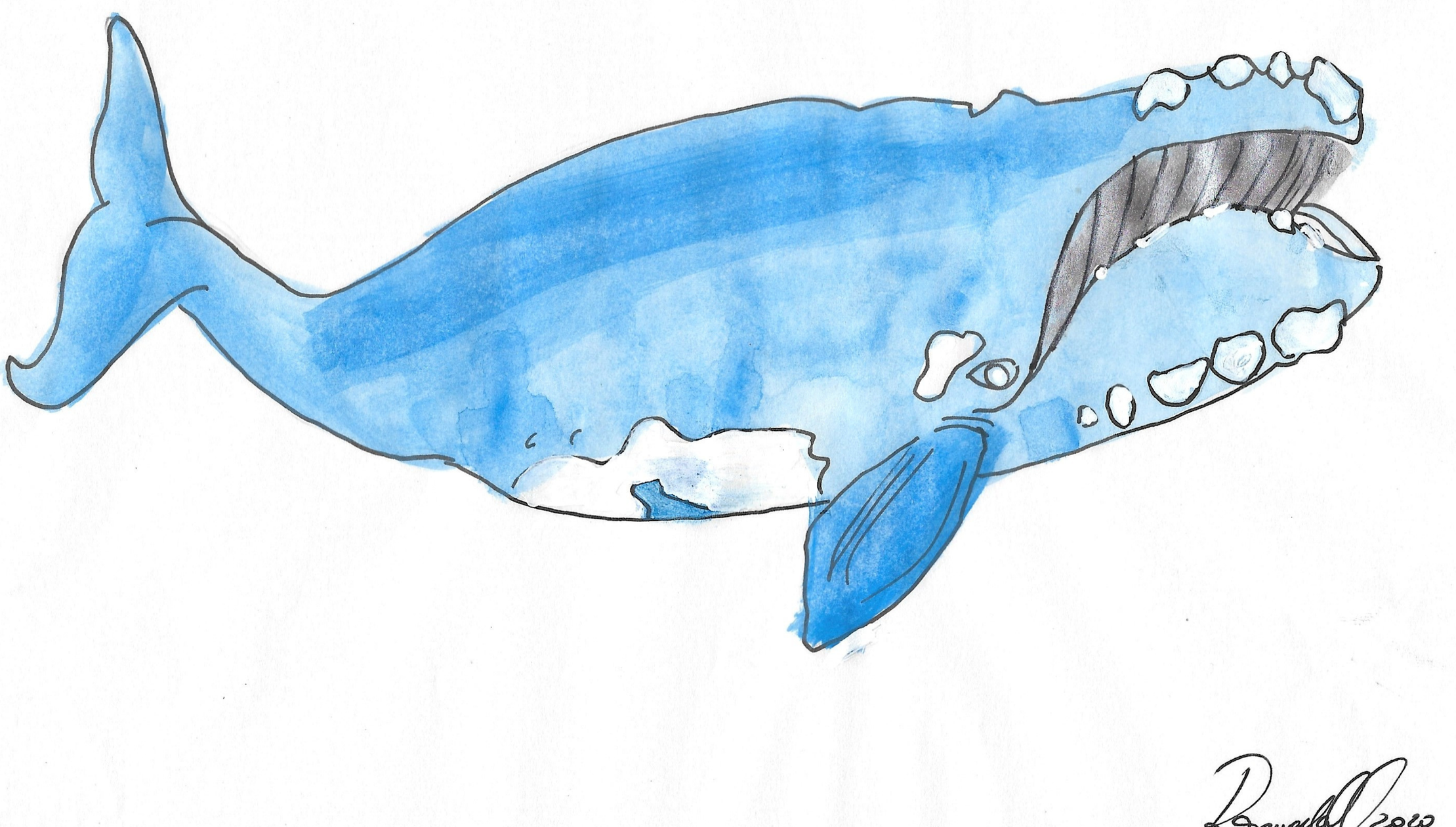


Pontoporia blainvillei

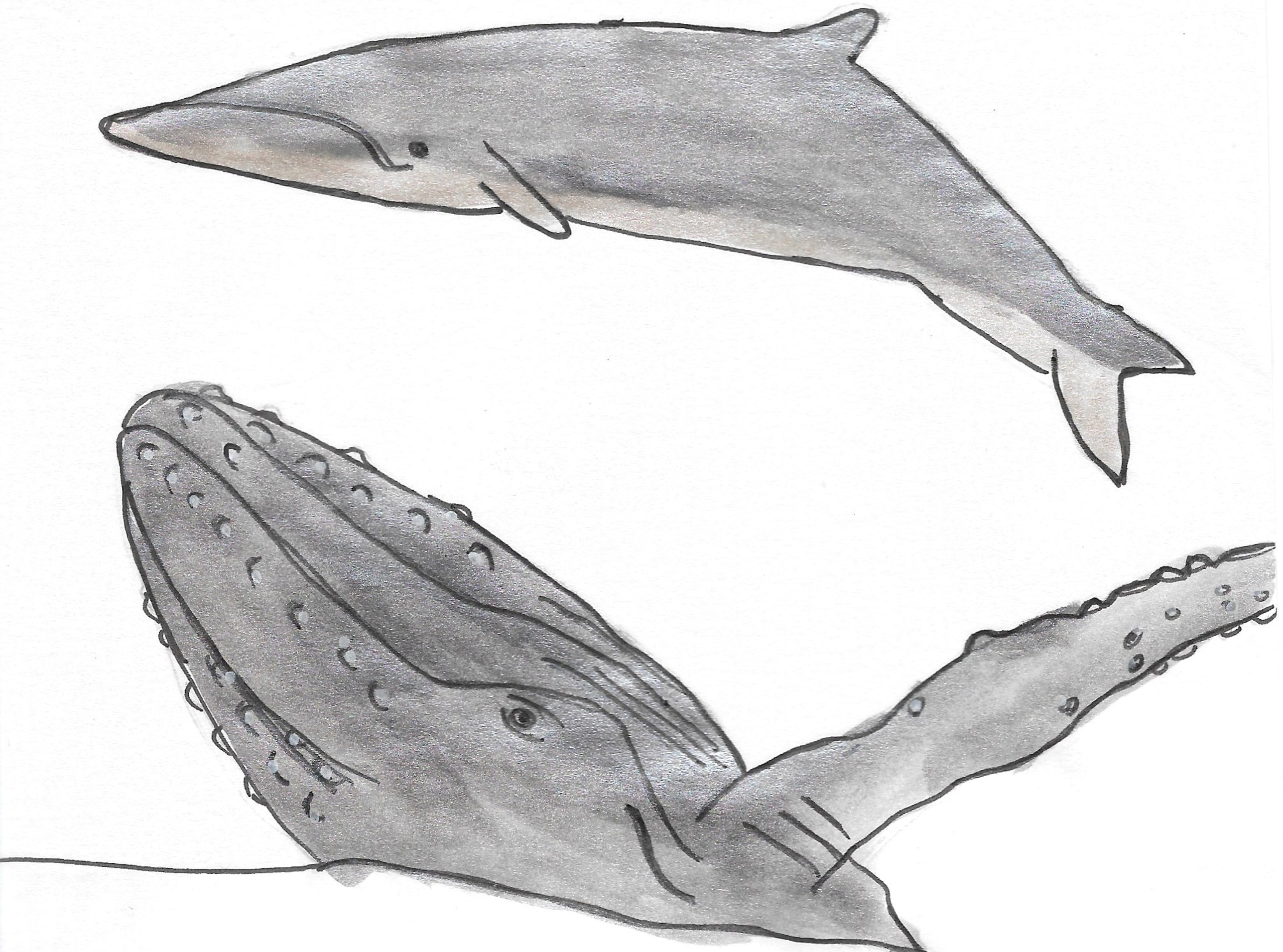
O **boto-cor-de-rosa** (*Inia geoffrensis*) pode chegar até 2,5 m de comprimento, possui heterodontia, isto é, dentes de formato diferentes, melão pronunciado e olhos reduzidos, muito provavelmente por habitarem águas muito turvas, o que torna a visão menos eficiente para seus hábitos de caça do que a eco-localização realizada com o auxílio do melão. Estes animais carismáticos estão classificados como em perigo, de acordo com todos os órgãos oficiais de conservação de fauna.



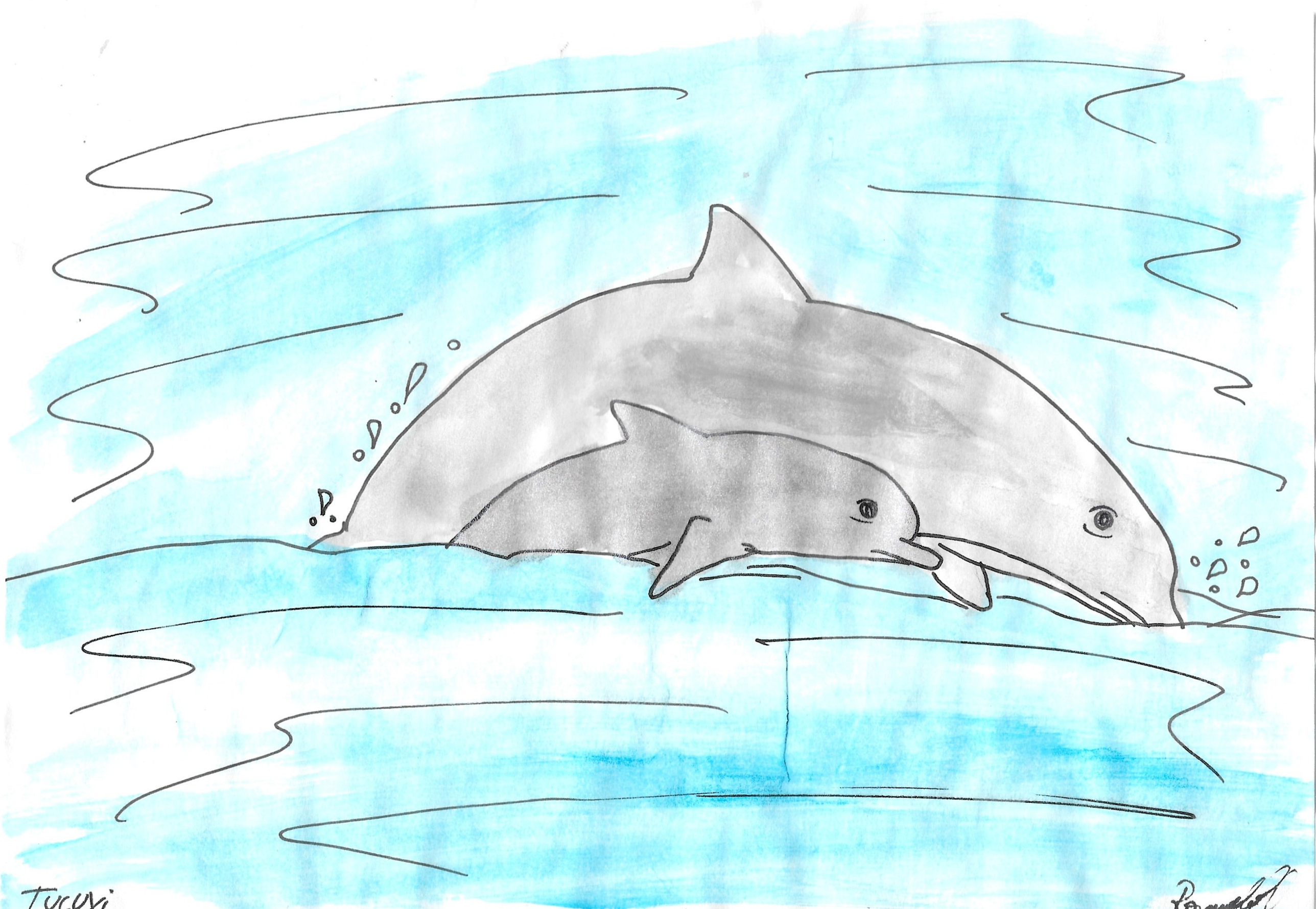
As **Baleias-francas** fazem parte de uma família de baleias com 4 espécies diferentes. Três destas espécies podem ser encontradas no hemisfério sul e exploram águas muito rasas para reproduzirem-se. No Brasil, populações podem ser avistadas em Santa Catarina, litoral norte de São Paulo e nas águas costeiras do Rio de Janeiro. Como características dessas baleias temos que elas não apresentam nadadeira dorsal, apresentam nadadeiras peitorais em forma de trapézio e possuem calosidades, semelhantes a “verrugas” na cabeça que são usadas para combate e defesa.



A **baleia-minke** é uma das menores baleias conhecidas. Presente em águas brasileiras durante a primavera e inverno, ela possui coloração mais clara na parte de baixo (ventre) que atinge tons neons na superfície. Já a **baleia-jubarte** pode medir até o dobro da sua pequena parente além de ter as maiores nadadeiras peitorais das baleias, além de ser uma grande cantora e estrategista para pegar peixes com redes de bolhas.

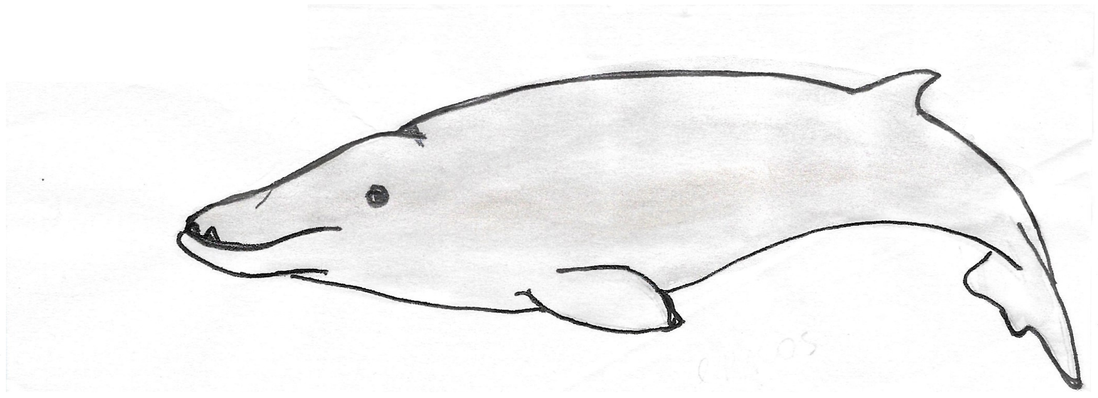


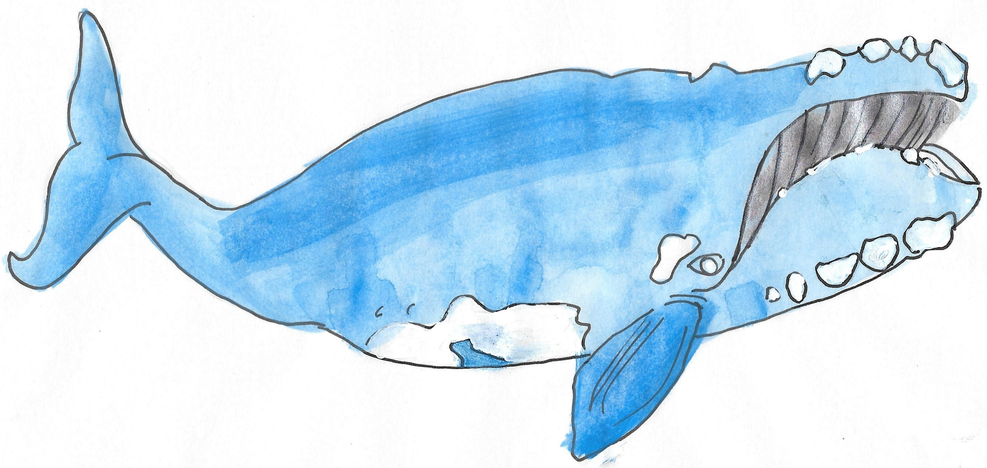
O **Tucuxi** *(Sotalia fluviatilis)* é uma espécie de golfinho que habita regiões da bacia amazônica, assim como o boto-cor-de-rosa. Em geral mede até 1,5m e possui coloração que varia de cinza-claro a cinza-azulado no dorso e nas laterais, tendo a região do ventre mais claro, com um tom rosado. Alimentam-se principalmente de peixes e são muito tímidos na presença de humanos e embarcações.

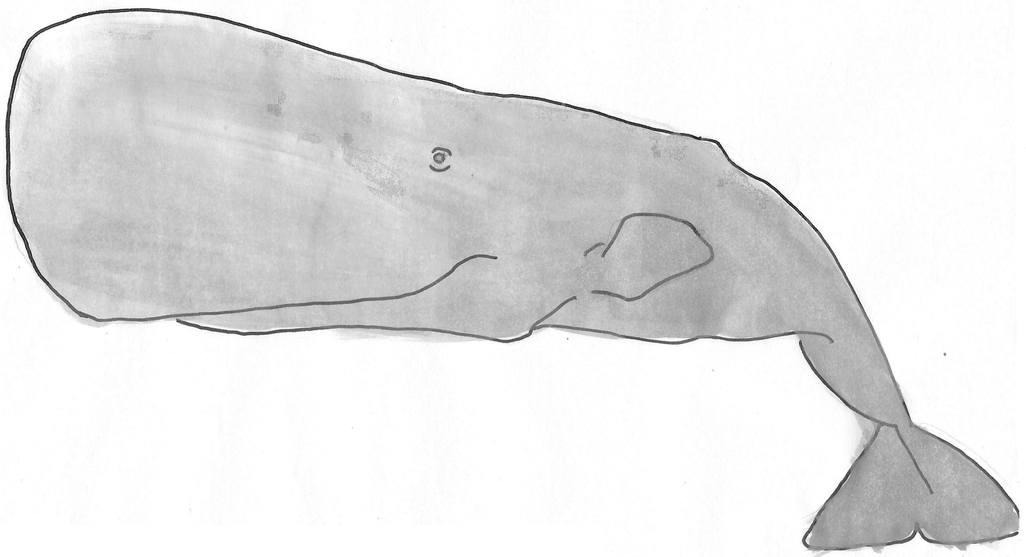


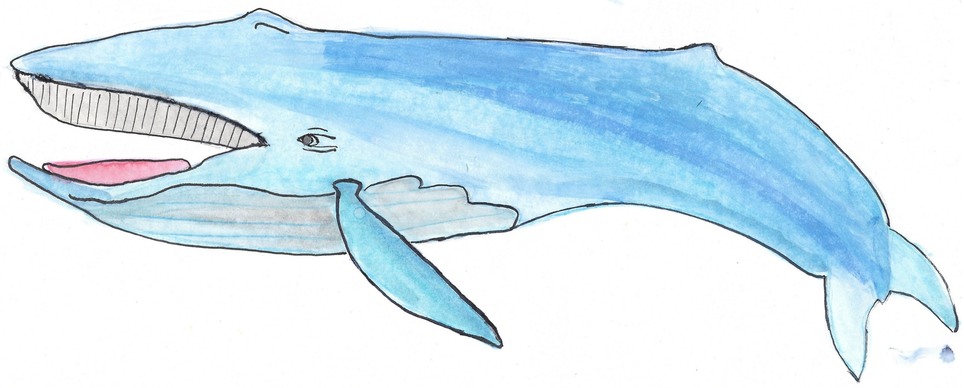
Gostou da nossa história? Então o que acha de participar de algumas atividades para ver o que aprendeu?

Atividade 1- Circule as baleias verdadeiras.

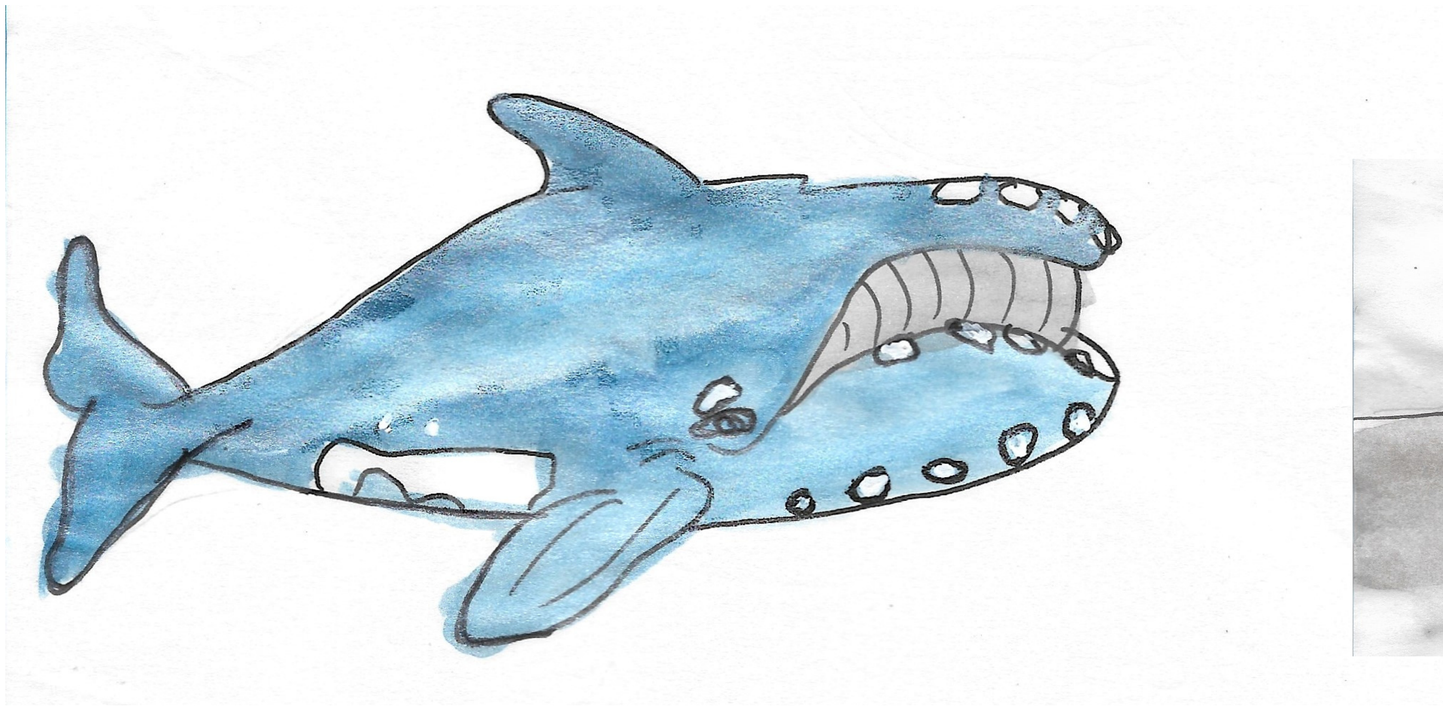


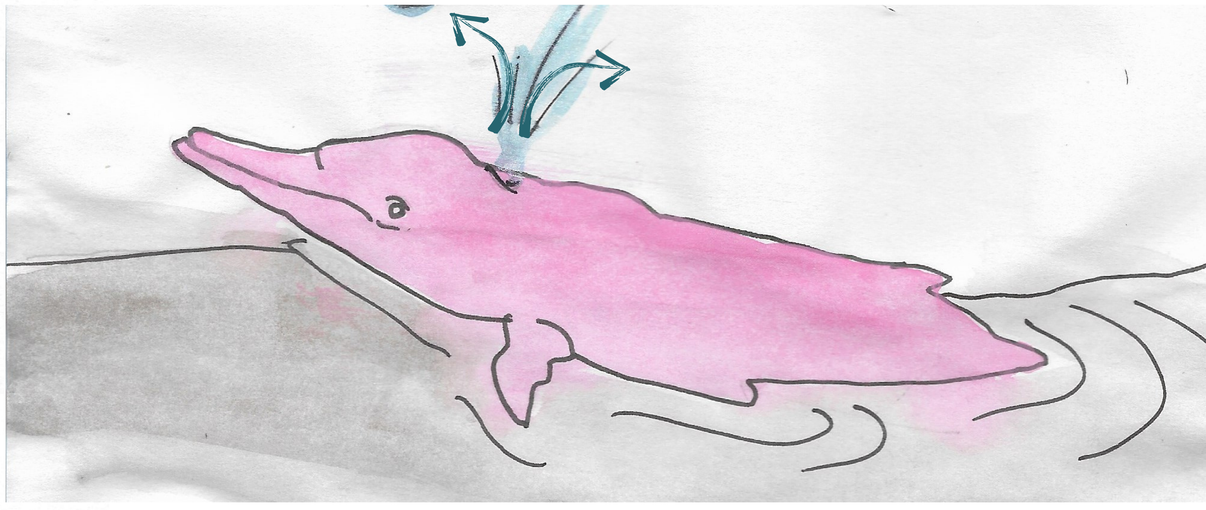


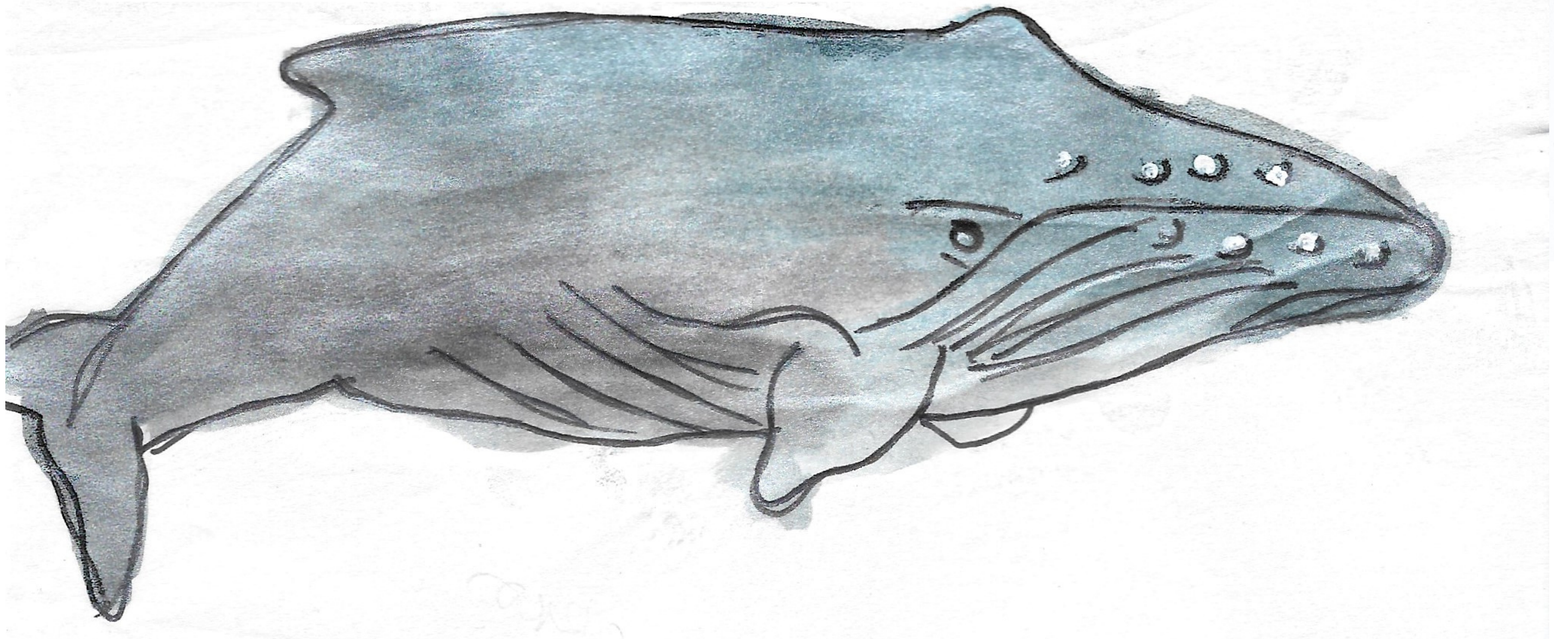


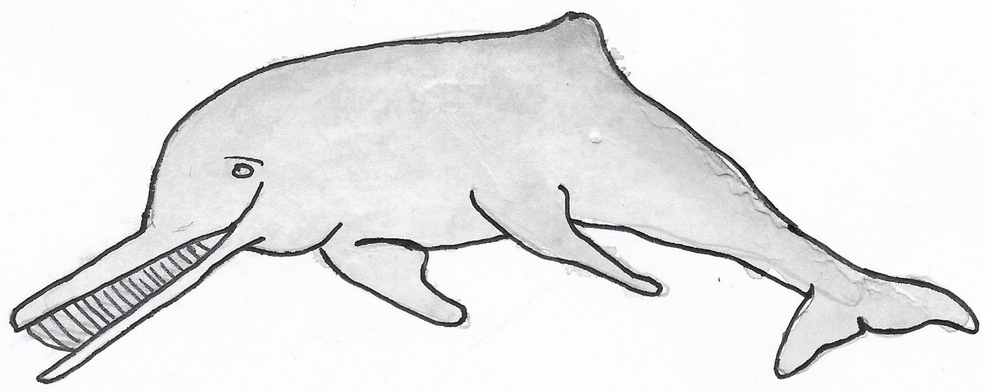


Atividade 2- Alguns dos nossos amiguinhos estão representados de forma errada. Vocês conseguem achar os 4 erros presentes na figura, de acordo com o que aprendemosna historinha?



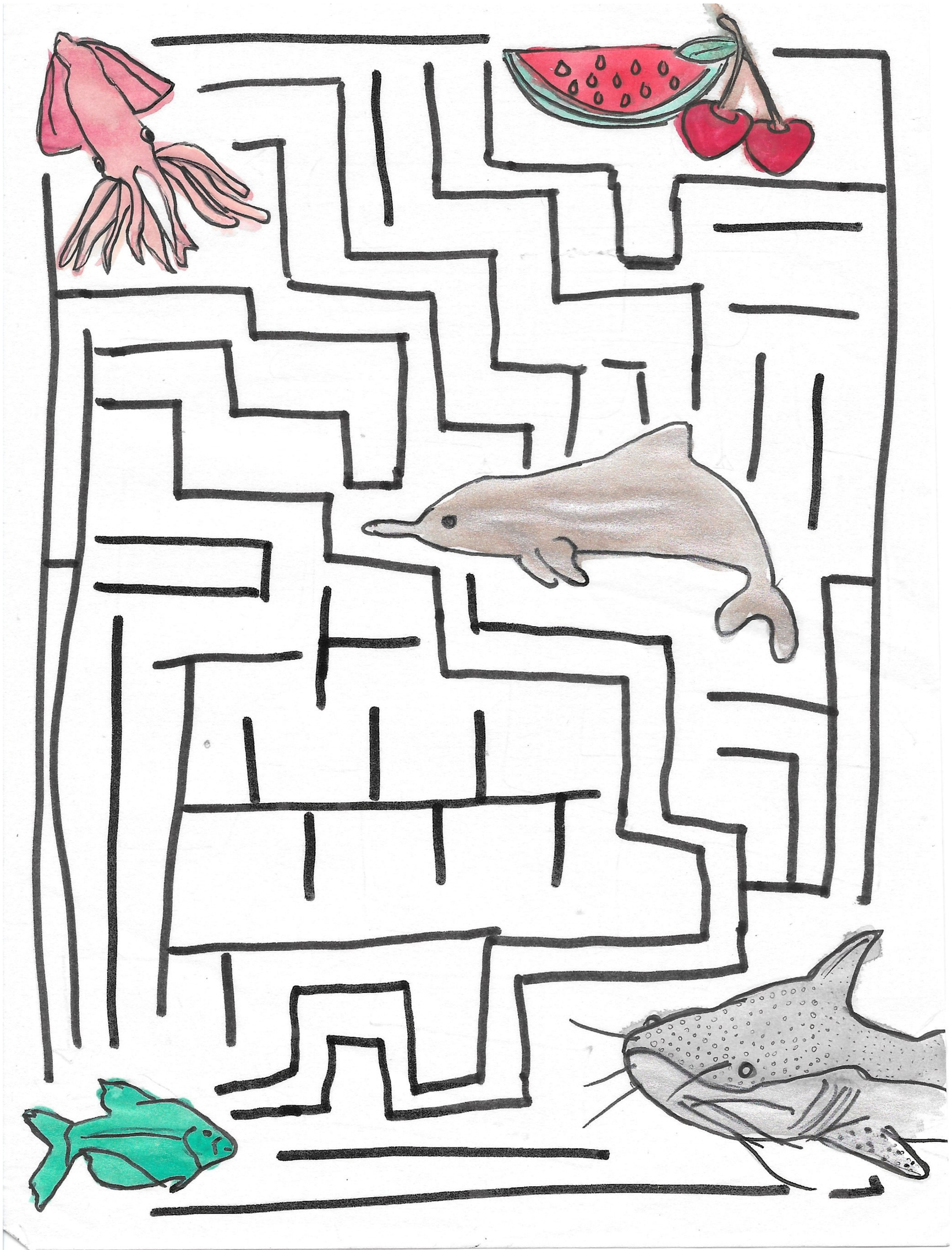






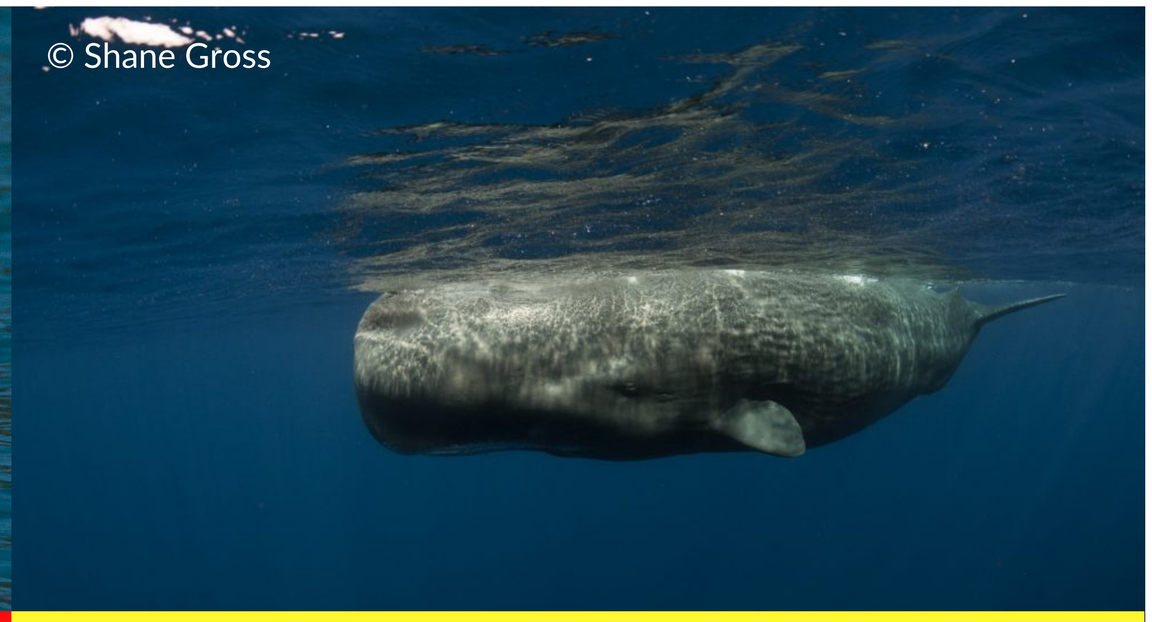
Atividade 3- Procurem e eliminem (marquem com um x) um dos elementos que apresenta uma ameaça para os mamíferos aquáticos. Em seguida, torne o cenário deles mais colorido e feliz!

Atividade 4- Ajude nossa amiga Francisca, a toninha, à atravessar o labirinto e encontrar seu alimento correto!



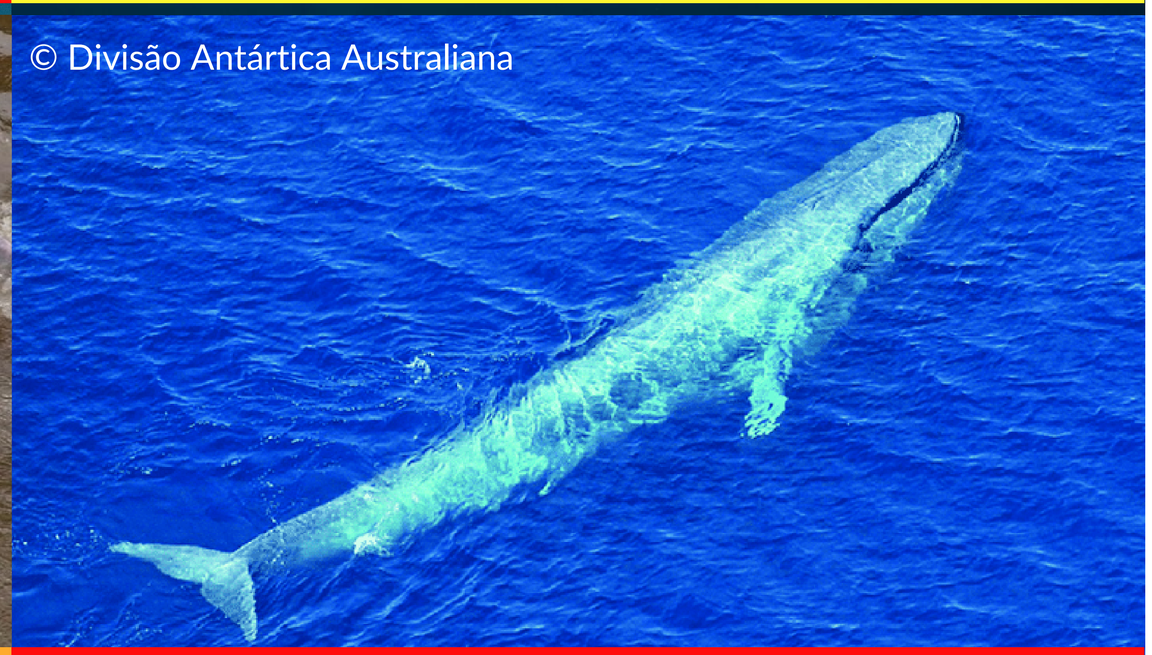
Conheça nossos amigos em vida!

Toninha



Cachalote

Boto-cor-de-rosa



Baleia-Azul

Classificações de risco de acordo com o ICMBio

Criticamente em Perigo (CR) > Em Perigo (EN) > Vulnerável (VU)

Estes níveis de classificação levam em consideração diversos fatores, como por exemplo: número de indivíduos adultos e área de ocupação, quanto menores esses valores maior o risco. Outras características como fragmentação das populações e diminuição das populações também afetam, isto é, quanto maiores as taxas maiores são os riscos de extinção.

Referências

1.http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=1044:ilha-de-marajo#:~:text=A%20Ilha%20de%20Maraj%C3%B3%20fica,da%20capital%20do%20estado%2C%20Bel%C3%A9m.&text=O%20nome%20da%20Ilha%2C%20segundo,mar%E2%80%9D%20ou%20%E2%80%9Ctapamar%E2%80%9D.

2.https://marinemammalscience.org/facts/inia-geoffrensis/#Distribution_and_population

3.https://marinemammalscience.org/facts/pontoporia-blainvillei/#Behavior_and_feeding

4.https://marinemammalscience.org/facts/balaenoptera-musculus/#Size

5.https://marinemammalscience.org/facts/physeter-macrocephalus/#Plastic_waste

6.https://www.icmbio.gov.br/cma/images/stories/Publica%C3%A7%C3%B5es/pantoninha.pdf

7.https://ideflorbio.pa.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/5.Relatorio_Fauna_Chaves_Soure.pdf

8.https://ispn.org.br/biomas/amazonia/fauna-e-flora-da-amazonia/

9.https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/04/02/flagrante-rarissimo-mostra-40-cachalotes-gigantes-nadando-em-sp-video.ghtml

10.https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41873660

11.https://www.portodesantos.com.br/institucional/o-porto-de-santos/

Sobre o Autor

Danilo Santos, também conhecido como Phox, é estudante bigênero de licenciatura em ciências biológicas na universidade de São Paulo e produtor de materiais educativos no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Também trabalha em uma escola da rede particular de Santo André, sempre estimulando aulas práticas e discussões reflexivas sobre espécies ameaçadas e conservação. Apaixonado pela escrita, desenhos e fotografia desde pequeno, o estudante sempre busca aprimorar suas técnicas e proporcionar uma arte que seja agradável de ser vista e lida e que também toquem o mais íntimo das pessoas.

Agradecemos a todos pela leitura!